



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

Os princípios táticos como ponto de partida para a perceção do modelo de jogo de uma equipa de futebol: uma abordagem qualitativa

“Versão Final após Defesa Pública”

Tiago Daniel Tomás Teixeira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Ciências do Desporto
(2.º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Bruno Filipe Rama Travassos

Covilhã, Dezembro de 2017

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, ao meu pai e à minha irmã, por todo o apoio e incentivo que me deram, não apenas durante o meu percurso académico, mas desde sempre..

Ao meu orientador Bruno Travassos, por toda ajuda na elaboração da dissertação, e por toda a transmissão de conhecimento ao longo das conversas que tivemos

Aos meus amigos dos illuminati da bola e do Posse e pressão (eles sabem quem são), por toda a disponibilidade que sempre demonstraram ter para me ajudar

E por último, ao treinador Maurizio Sarri, por ter transformado o futebol da equipa Nápoles em algo tão apaixonante, ao ponto de servir de inspiração para uma dissertação

RESUMO

A análise da performance em futebol, através de vídeo, permite interpretar a organização e as ações que concorrem para a qualidade do jogo, a partir das interações entre jogadores e equipas. Essas interações táticas são sustentadas pelos princípios táticos, que se definem como um conjunto de normas que caracterizam as relações espaço-temporais e permitem a identificação de possibilidades de ação coletivas. O presente estudo teve como objetivo, definir os pressupostos que permitam através da análise qualitativa, a utilização dos princípios táticos específicos para a análise da lógica interna do jogo em que assenta o modelo de jogo de uma equipa. Foram observados 10 jogos da equipa SSC Nápoles para caracterização do seu processo ofensivo, procedendo-se à visualização dos mesmos, com recurso ao programa digital Sony Vegas Pro 13.0. A observação foi dividida em três fases diferentes: identificação das situações para análise; Identificação das fases do jogo dentro de cada situação identificada; e identificação dos princípios de jogo de acordo com o cumprimento ou não de cada princípio. Os resultados da caracterização por intermédio da análise de vídeo foram apresentados através de quadros síntese, compostos pelas imagens relativas aos padrões ofensivos da equipa observada, e conseqüente descrição das mesmas, bem como pela identificação e análise da utilização de cada princípio tático presente nos lances observados. A análise qualitativa com recurso aos princípios táticos, através de vídeo, permitiu um maior conhecimento sobre os constrangimentos contextuais que influenciaram a ação e decisão dos jogadores. Existem situações que se repetem mais vezes em relação a outras, e por isso é possível identificar padrões comportamentais que caracterizam a forma de jogar da equipa observada. Dentro desta repetição de padrões, a maneira como os princípios táticos específicos são aplicados, ajudam a explicar a lógica interna do modelo de jogo da equipa observada, uma vez que garantem maior conhecimento sobre como os jogadores e a equipa procuram solucionar os problemas que surgem durante o jogo.

Palavras chave: Análise qualitativa, princípios táticos, modelo de jogo, contexto

ABSTRACT

The video analysis of football performance, allows us to understand the organization and the actions that compete for the game quality, from the interactions between players and teams. These tactical interactions are based on tactical principles, which express themselves as a set of norms that characterize spatial-temporal relations and allow the identification of collective actions' possibilities. The purpose of the present study was to define the assumptions that permit, through qualitative analysis, the use of specific tactical principles for the analysis of the game internal logic, which is based on the game model of a team under. To characterize the offensive process, ten games of SSC Napoli team were observed, being visualized using the Sony Vegas Pro 13.0 digital program. This observation was divided into three different stages: Identification of the situations we want to analyse; Identification of the phases of the game within each identified situation; And identification of the principles of the game according to the accomplishment or not of each of the principles. The results of the characterization through video analysis were presented via synthesis tables, composed by images related to the offensive patterns of the observed team, and its consequent description, as well as by the identification and analysis of the use of each tactical principle present in the observed actions. The qualitative video analysis with the help of tactical principles allowed a greater knowledge on the contextual constrictions that influenced the action and decision of the players. There are situations that happen more often when comparing to others and, therefore, it is possible to identify behavioral patterns that characterize the playing system of the observed team. Within this repetition of patterns, the way in which specific tactical principles are applied, support the explanation of the internal logic of the game model of the observed team, as they provide greater insight into how players and the whole team look to solve problems that emerge during the game.

Key words: Qualitative analysis, tactical principles, game model, context

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	v
ABSTRACT	vii
ÍNDICE.....	ix
LISTA DE TABELAS	xi
LISTA DE QUADROS	xiii
LISTA DE ACRÓNIMOS	xv
INTRODUÇÃO	1
Futebol	1
Natureza do jogo de futebol.....	1
Da ação tática aos princípios táticos específicos.....	4
Análise de jogo	7
Análise Quantitativa	7
Análise Qualitativa.....	8
METODOLOGIA.....	11
RESULTADOS	16
DISCUSSÃO	41
CONCLUSÕES	45
BIBLIOGRAFIA.....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Jogos observados. Época 2016/2017	11
Tabela 2. Princípio do Espaço	14
Tabela 3. Princípio da Mobilidade	14
Tabela 4. Princípio da Cobertura Ofensiva.....	15
Tabela 5. Princípio da Penetração.....	15

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Construção- Posicionamentos: bola no GR. PA adversária	16
Quadro 2. Construção- Posicionamentos: bola no DCE/DCD. PA adversária.	17
Quadro 3. Construção- Comportamentos com início no CLE. DCE, MCE e EE	18
Quadro 4. Construção- Comportamentos com início no CLE. DCE, EE e MD	19
Quadro 5. Construção- Comportamentos com início no CLE. DCE, DLE, MD e MCE	20
Quadro 6. Construção- Comportamentos com início no CC, sem PA adversária. DCE e MCE...	21
Quadro 7. Construção- Posicionamentos base no CLD	22
Quadro 8. Construção- Comportamentos com início no CLD. DLD, ED, MD e MCE.....	23
Quadro 9. Construção- Posicionamentos base quando a bola está no CC	24
Quadro 10. Construção- Comportamentos com início no CC. MD e MCE/EE	25
Quadro 11. Construção- Comportamentos com início no CC. MD e EE	26
Quadro 12. Construção- Comportamentos com início no CC. DCE, EE e MCE.....	27
Quadro 13. Construção- Posicionamentos base no CLE.....	28
Quadro 14. Construção- Comportamentos com início no CLE. DCE, MCE e MD.....	29
Quadro 15. Construção- Comportamentos com início no CLE. EE e MCE	30
Quadro 16. Construção- Comportamentos com início no CLE. EE, MCE e DLE.....	31
Quadro 17. Construção- Comportamentos com início no CLE. MD, AC e EE	32
Quadro 18. Criação- Comportamentos com início no CC. MCE e AC.....	33
Quadro 19. Criação- Comportamentos com início no CC. MCE e AC.....	34
Quadro 20. Criação- Comportamentos com início no CC. MCE e AC.....	35
Quadro 21. Criação- Comportamentos com início no CC. MCE e EE	36
Quadro 22. Criação- Comportamentos com início no CC. MD e ED	37
Quadro 23. Criação- Comportamentos com início no CLE. EE, DLE e MCE	38
Quadro 24. Criação- Comportamentos com início no CLE. EE e ED.....	40

LISTA DE ACRÓNIMOS

PA-Pressão alta

CJ- Centro de jogo

CC- Corredor central

CLE- Corredor lateral esquerdo

CLD- Corredor lateral direito

GR- Guarda-redes

DLD- Defesa lateral direito

DLE- Defesa lateral esquerdo

DCE- Defesa central esquerdo

DCD- Defesa central direito

MD- Médio defensivo

MCD- Médio centro direito

MCE- Médio centro esquerdo

EE- Extremo esquerdo

ED- Extremo direito

AC- Avançado centro

INTRODUÇÃO

Futebol

Natureza do jogo de futebol

O futebol insere-se na categoria designada desportivos coletivos (Castelo, 2006; Garganta, 1997). É denominado como sendo um jogo desportivo onde há uma luta pela bola, o que unifica uma relação de adversidade desportiva (Teodorescu, 1984) numa relação de colaboração e oposição, em que as equipas em disputa têm objetivos comuns (Garganta, 1997). As equipas lutam para gerir da melhor maneira o tempo e o espaço que dispõem para as suas ações, pelo que realizam, em cada instante, ações contrárias ataque/defesa, com base nas relações de oposição/cooperação e adversidade/rivalidade (Teodorescu, 1984).

É objetivo do jogo de futebol romper o equilíbrio entre equipas, de modo a gerar um desequilíbrio permanente na lógica interna estabelecida entre os jogadores de uma mesma equipa e como tal promover rutura na organização dessa mesma equipa (Neto, 2014). Segundo o mesmo autor, é também por isso um jogo de adaptação: “se um ponto de rutura é criado na organização da equipa, rapidamente todos os seus elementos deverão cumprir a sua missão no sentido de anular esse desequilíbrio, ou seja, de adotar uma solução que permita organizar a equipa e posteriormente visar a desorganização da equipa adversária”. De modo a que as equipas e respetivos jogadores consigam gerir os constantes equilíbrios e desequilíbrios que ocorrem e se adaptem ao contexto de jogo é fundamental serem dotados de uma boa ação tática (Castelo, 1996, 1999).

O conceito de ação tática, ou vulgarmente designado por tática, diz respeito ao comportamento exploratório de possibilidades de ação face a situações que envolvam conflitualidade de interesses, ou concorrência entre objetivos, como no caso do desporto (Garganta, 1997). No que diz respeito aos jogos desportivos coletivos, o mesmo autor considera que “no conceito de tática vincam-se três aspetos característicos: a sua ligação ao jogo, isto é, ao contato direto entre os opositores e os companheiros; o seu carácter de execução para tornar operativa a estratégia, à qual cabe a conceção e direção; e a sua estreita dependência da estratégia”. Castelo (1994) refere que a tática diz respeito à capacidade de resolução dos problemas relacionados com as interações entre jogadores e equipas, sendo constituída pela capacidade perceptiva dos jogadores em reconhecer as pistas informacionais que melhor suportam as suas ações face ao contexto/momento de jogo, mas também pelos princípios de jogo que dão uma determinada orientação às diferentes ações (individuais/coletivas, ofensivas/defensivas) da equipa relativamente aos objetivos pré-definidos. A dimensão tática do jogo é reconhecida como geradora e condutora de todo o processo de jogo, uma vez que o principal problema colocado às equipas e aos jogadores é sempre de natureza tática (Frade, 1989; Queirós, 1986). Deste modo, Azevedo (2011) afirma que a tática não deve ser percebida como uma das dimensões rígidas do jogo, mas sim aquela que suporta a relação com os diferentes fatores de jogo e que resulta da confluência das ações individuais face aos princípios de organização

coletiva estabelecidos, uma vez que resulta da constante interação entre os jogadores para alcançar um objetivo. Neste sentido, reconhecendo o futebol como um jogo tático onde permanentemente são colocados problemas à equipa e aos jogadores (Azevedo, 2011), é necessário a criação de um conjunto de linhas orientadoras, tanto coletivas como individuais, capazes de conduzir o processo de treino e de análise de jogo (Oliveira, 2004). A este conjunto de linhas orientadoras dá-se o nome de modelo de jogo (Oliveira, 2004).

O modelo de jogo diz respeito a uma ideia de jogo que tem por base um conjunto de princípios e ações que caracterizam o modo de jogador de uma equipa (Garganta, 2003). Para Azevedo (2011), o modelo de jogo estrutura as ideias do treinador em função das características individuais dos seus jogadores, com o objetivo de poder estabelecer uma lógica interna na ideia de jogo coletiva.

Assim, Silva (2014) refere que é importante que o treinador tenha ideias muito concretas relativamente aos padrões de interação que pretende ver postos em prática nos diferentes momentos do jogo. Deste modo, a configuração do modelo resulta da articulação e desenvolvimento dos princípios táticos para que os jogadores explorem o jogo tendo por base uma linha orientadora de ação, permitindo que o jogo adquira uma identidade (Silva, 2014).

Estes comportamentos podem ser ainda definidos e especificados em função dos momentos do jogo que o caracterizam (Castelo, 1996; Garganta, 1997; Valdano, 2001). De acordo com vários autores (Castelo, 1996; Garganta, 1997; Valdano, 2001) o jogo de futebol pode sistematizar-se em quatro momentos do jogo como: organização ofensiva; organização defensiva; transição defensiva e transição ofensiva.

Castelo (1999), Frade (1989) e Garganta (1997), de forma sucinta, caracterizam os quatro momentos da seguinte forma: o momento de organização ofensiva, que diz respeito ao conjunto de comportamentos que a equipa assume quando tem a posse de bola, com o objetivo de construir e criar situações ofensivas, de forma a marcar golo; o momento de transição ataque/defesa, como os comportamentos que se devem assumir nos segundos após perda de posse de bola; o momento de organização defensiva, como sendo o conjunto de comportamentos com que a equipa se organiza de forma a impedir que a equipa adversária se prepare, crie situações de golo e marque golo; o momento de transição defesa/ataque, que se caracteriza pelos comportamentos que se devem ter nos segundos imediatos ao recuperar-se a posse de bola.

Os momentos da organização defensiva e da transição ataque-defesa, representam o processo defensivo, sendo a fase do jogo na qual uma equipa luta para recuperar a posse da bola, com vista à realização de ações defensivas, sem cometer infrações e sem permitir que a equipa adversária marque golo (Teodorescu, 1984). Neste sentido, Oliveira (2004) salienta que o processo defensivo se caracteriza pelos comportamentos que uma equipa assume quando fica sem a posse de bola, tendo por objetivo organizar-se de modo a impedir a construção e criação de situações de golo por parte da equipa adversária. Nesta fase do jogo, através de ações de marcação técnico-táticas individuais e coletivas, visa-se essencialmente a anulação e cobertura dos adversários e espaços livres, concretizando o cumprimento dos objetivos fundamentais da

defesa, nomeadamente, a recuperação da posse da bola e a defesa da baliza (Castelo, 1996; Garganta, 1997):

A recuperação da posse de bola - O objetivo desta fase defensiva do jogo caracteriza-se através de uma atitude fundamental: não sendo possível atacar a baliza adversária, uma vez que a equipa não se encontra de posse de bola, dever-se-á "atacar a bola" de modo a recuperá-la ou a condicionar o processo ofensivo adversário (Castelo, 1996, 1999).

A defesa da baliza - Consoante a impossibilidade de recuperar de imediato a posse da bola e impedir a progressão do processo ofensivo adversário, o objetivo passa pela defesa da sua própria baliza (Castelo, 1999). O cumprimento deste objetivo por parte dos jogadores é facilmente observável nas zonas predominantes de finalização (20 a 25 metros da baliza), verificando-se assim, uma maior concentração de jogadores para uma melhor cobertura da baliza (Azevedo, 2011; Castelo, 1994, 1996).

São consideradas 3 fases no processo defensivo: o equilíbrio defensivo, a recuperação defensiva e a defesa propriamente dita:

1º - O equilíbrio defensivo - uma das fases fundamentais do processo defensivo, podendo ser dividido em dois momentos diferentes: ainda durante o processo ofensivo da própria equipa, através de medidas preventivas asseguradas por um ou mais jogadores, que se colocam e agem na retaguarda dos colegas de equipa que participam ativamente no lance ofensivo, precavendo uma eventual perda de bola; e, logo após a perda da posse da bola, através da rápida reação de todos os jogadores da equipa que se deslocam no sentido de recuperar a bola (Castelo, 1994, 1996, 1999).

2º - A recuperação defensiva - começa nos momentos logo após à impossibilidade de recuperar imediatamente a posse da bola ou de evitar a progressão do ataque do adversário, através das ações que consubstanciam a fase de equilíbrio defensivo, e dura até à ocupação dos posicionamentos definidos no modelo de jogo. Neste sentido, durante este trajeto, os jogadores (em ação defensiva) marcam os adversários que possam dar seguimento ao processo ofensivo que não tenha sido possível parar na sua fase inicial (equilíbrio defensivo) (Castelo, 1994, 1996, 1999).

3º - A defesa propriamente dita - constitui a fase principal da defesa e pressupõe a ocupação, por parte de todos os jogadores, do posicionamento defensivo previamente preconizado pela equipa. Independentemente do método defensivo utilizado, esta fase visa com a sua organização, coordenação e colaboração não apenas a recuperação da posse da bola, mas também retirar a iniciativa ao adversário, podendo ela própria beneficiar dessa vantagem para obter o golo (Castelo, 1994, 1996, 1999).

Por sua vez, os momentos da organização ofensiva e da transição defesa-ataque representam o processo ofensivo, sendo a fase do jogo em que uma equipa se encontra em posse de bola, com vista à obtenção do golo, sem cometer infrações às leis do jogo (Teodorescu, 1984). A maximização deste processo pressupõem a contínua instabilidade da equipa adversária, desequilibrando a sua organização defensiva, criando-se deste modo condições em termos de espaço, tempo e número, mais favoráveis à resolução tática das situações de jogo ofensivas

(Araújo & Garganta, 2002; Castelo, 1999; Garganta, 2005; Queirós, 1986). Para tal, é fundamental o cumprimento dos objetivos fundamentais deste momento: a progressão/finalização e a manutenção da posse da bola:

Progressão/finalização - Imediatamente após a recuperação da posse da bola, o objetivo fundamental da equipa é o de progredir em direção à baliza adversária de uma forma eficaz, evitando-se ao máximo a interrupção deste processo, sendo que este objetivo é a tarefa mais importante do processo ofensivo e todos os jogadores têm de se esforçar por cumpri-la com a maior frequência possível (Castelo, 1994, 1996, 1999).

Manutenção da posse da bola - Se as ações individuais ou as combinações táticas utilizadas na construção e criação de situações de finalização não resultam, "recomenda-se que as mesmas se reiniciem não as transformando numa lotaria" (Castelo, 1994, 1996, 1999). Defende-se assim, a necessidade de a resolução tática em qualquer situação de jogo, ser avaliada em função do binómio risco/segurança, uma vez que, uma determinada ação técnico-tática pode não constituir a maior ameaça à organização defensiva adversária mas permite à equipa manter a posse da bola, que é sempre um aspeto positivo (Castelo, 1994, 1996, 1999).

Segundo Queiroz (1986) e Castelo (1994;1996) o processo ofensivo divide-se em três fases distintas:

1º - *Construção do processo ofensivo* - a equipa em posse de bola procura assegurar, de maneira geral, o deslocamento da bola da zona de recuperação para as áreas vitais do terreno de jogo. Nesta fase ocorrem circulações, combinações e ações táticas individuais e coletivas visando a progressão da bola para as zonas propícias à finalização (Castelo, 1994, 1996, 1999).

2ª - *Criação de situações de finalização* - fundamentalmente assegurar nas zonas predominantes de finalização, a desorganização do método defensivo adversário criando-se os pressupostos mais vantajosos, através de ações técnico-táticas individuais e coletivas, para a concretização imediata do objetivo do jogo (Castelo, 1994, 1996, 1999).

3ª - *Finalização* - ação técnico-tática individual (remate) que culmina todo o trabalho da equipa com vista à obtenção do golo (Castelo, 1994, 1996, 1999).

Da ação tática aos princípios táticos específicos

Sabendo que a ação tática diz respeito à capacidade que jogadores e equipas possuem para a resolução dos problemas do jogo (Queirós, 1986), é fundamental que a ação tática individual assente num conjunto de pressupostos que permita que os jogadores identifiquem as várias possibilidades de ação coletivas dentro da variabilidade dos contextos de jogo que ocorrem durante o jogo (Garganta, 1997). Como tal, definem-se os princípios táticos específicos como um conjunto de normas sobre o jogo que proporcionam aos jogadores a possibilidade de atingirem mais rapidamente as soluções táticas individuais e coletivas adequadas para os problemas que surgem durante o jogo (Garganta, 1997; Pinto, 1996). Coletivamente, a aplicação dos princípios táticos auxilia a equipa a ter um melhor controlo do jogo, a manter a

posse de bola, a realizar variações na sua circulação, a alterar o ritmo de jogo, e a concretizar ações táticas visando romper o equilíbrio da equipa adversária (Garganta, 1997).

Os princípios táticos específicos da fase ofensiva de jogo contribuem para que os jogadores guiem as suas ações tático-técnicas em função da ideia de jogo coletiva da sua equipa, de modo a alcançar o objetivo principal, ou seja, fazer a bola chegar às áreas vitais do campo de jogo e marcar golo (Castelo, 1996). O cumprimento dos princípios táticos específicos permite à equipa criar condições mais favoráveis em termos de espaço e tempo para executar as suas ações, aumentando assim a possibilidade de criar instabilidade na organização defensiva da equipa adversária (Castelo, 1999, 2006; Garganta, 1997, 2005).

Princípio do espaço - organiza-se a partir da procura dos jogadores por posicionamentos mais distantes do portador da bola, criando dificuldades defensivas à equipa adversária, uma vez que devido ao posicionamento mais afastado da zona da bola, sentirá dificuldades em marcar simultaneamente o espaço vital de jogo e o adversário (Worthington, 1974). O posicionamento de alguns jogadores mais afastados do centro de jogo¹, permite a ampliação do espaço de jogo ofensivo, possibilitando um maior número de linhas de passe tanto em largura como em profundidade, criando também espaços mais perto do centro de jogo que são determinantes para a bola progredir em direção à baliza adversária e que facilitam a ocorrência de situações de 1X1, com vantagem clara para o atacante (Castelo, 1996).

Princípio da mobilidade - Caracteriza-se pela criação de espaços livres e a sua utilização, de modo a aumentar a variabilidade de opções e possibilitar ao portador da bola a escolha da ação técnico-tática mais adequada ao contexto de jogo (Castelo, 1996). A aplicação deste princípio cria dificuldades à equipa que defende, uma vez que quando os atacantes sem bola executam ações de mobilidade podem sair do campo de visão dos seus adversários (Castelo, 1996). Além disso, quando os companheiros de equipa exploram os espaços criados por essas movimentações, aumentam a dificuldade dos adversários no que diz respeito à marcação dos jogadores de ataque, uma vez que impossibilitam uma cobertura defensiva mútua (Worthington, 1974).

Princípio da cobertura ofensiva - Tem por base as ações de aproximação dos companheiros de equipa ao portador da bola, oferecendo-lhe mais soluções ofensivas para dar sequência ao processo ofensivo (Castelo, 1996). Este princípio pressupõe: a simplificação da resposta tático-técnica do portador da bola à situação de jogo uma vez que garante mais opções de passe ao mesmo; a diminuição da pressão dos adversários sobre o portador da bola; a garantia de melhor equilíbrio coletivo que beneficia as primeiras ações defensivas em caso do jogador perder a bola para a equipa adversária (Garganta, 1997).

¹ O “centro de jogo” afigura-se em uma circunferência de 9,15m de raio a partir da localização da bola. Essa medida do “centro de jogo” foi concebida com base nas regras oficiais do jogo de futebol (FIFA, 2008).

Princípio da penetração - caracteriza-se pelas situações onde o portador da bola consegue fazer a bola progredir em direção à baliza ou à linha de fundo adversária, de modo a chegar a zonas do campo que criam mais dificuldades defensivas ao adversário e aproximam a sua equipa da finalização (Garganta, 1997). Como ações características do princípio da penetração podem-se considerar os dribles e progressões que diminuem o espaço entre o portador da bola e a linha de fundo, propiciando cruzamentos ou deslocamentos em direção à baliza adversária e os passes que permitem ultrapassar as linhas de resistência defensiva do adversário (Castelo, 1996).

Análise de jogo

A análise de jogo surge como um meio de rentabilização do processo de treino e da competição, assim como de aprofundamento do conhecimento do jogo (Oliveira, 2004). Garganta (2001) refere que o estudo do jogo tendo por base a observação do comportamento das equipas e dos jogadores já existe há algum tempo, sendo um processo que tem evoluído ao longo dos anos. Relativamente aos jogos coletivos onde o futebol se insere, a observação e análise de jogo são uma ferramenta muito utilizada para caracterizar as exigências específicas que os jogadores enfrentam durante a competição (Carling et al., 2005).

Cruyff (1997) defende que no futebol, o conhecimento da própria equipa bem como da equipa adversária é fundamental para diminuir a imprevisibilidade dos acontecimentos. Através da análise de jogo é possível estudar e compreender os princípios que sustentam o modelo de jogo da equipa adversária e explorar a sua lógica interna de funcionamento de modo a uma maior compreensão sobre as ações e relações exploradas pelos jogadores da equipa adversária em diferentes momentos do jogo (Ventura, 2013). Dentro do processo de análise de jogo surgem dois métodos de análise que possibilitam a avaliação o desempenho das equipas e dos respetivos jogadores, sendo um deles um método quantitativo e outro um método qualitativo (Lames & Hansen, 2001).

Análise Quantitativa

Este tipo de análise centra-se sobretudo no estudo das interações entre os jogadores e os seus movimentos e comportamentos individuais, maioritariamente habilidades abertas (Hughes & Bartlett, 2002). De acordo com Nevill et al (2002), esta análise do desempenho desportivo tem como objetivo identificar os elementos críticos, também denominados de indicadores de desempenho, sejam eles individuais ou coletivos. Os dados quantitativos são tipicamente fatos e números não estando por isso abertos à interpretação pessoal (O'Donoghue, 2014). O mesmo autor salienta ainda que a análise quantitativa tem a seu favor o fato de ser uma análise mensurável, com um processo fixo e que segue um protocolo rigoroso.

Muitas das análises quantitativas realizadas no âmbito da análise de jogo têm por base a descrição de padrões, sendo assim designada por análise descritiva (Carling, 2011; Castellano-Paulis, et al., 2011). Este método de análise, permite, por exemplo caracterizar as exigências físicas do jogo de futebol de modo a rentabilizar o processo de treino (Castellano-Paulis et al., 2011; Di Salvo et al., 2008; Gregson et al. 2010; De Baranda et al., 2008).

No contexto da análise quantitativa em futebol, surgem também os estudos de natureza comparativa, especialmente aqueles que centram a sua análise em diversos indicadores de rendimento em função da posição/zona ocupada em campo (Lago-Ballesteros & Lago-Peñas, 2010). No que diz respeito a aspetos mais táticos do jogo de futebol, a análise comparativa permite identificar, por exemplo, que a conquista da posse de bola em zonas mais ofensivas, revela-se mais eficaz ofensivamente, uma vez que a bola sendo recuperada nessas zonas eleva a probabilidade da realização de um remate, comparativamente, às bolas conquistadas em zonas mais defensivas (Castelo, 1996).

Contudo, face ao estado da arte, verifica-se que este método de análise não demonstra a verdadeira complexidade e dinâmica do jogo de futebol (Reilly & Gilbourne, 2003). Garganta (1997) refere que os dados quantitativos retirados através deste método de análise podem não ser suficientemente fiáveis se essa informação não for acompanhada de variáveis qualitativas. Passos et al. (2006) afirmam que determinados modelos de análise quantitativa poderão estar desajustados para certas situações que o jogo de futebol impõe, uma vez que os desempenhos competitivos não se caracterizam apenas por movimentos utilizados de forma estereotipada, mas também pela dinâmica e o contexto onde ocorrem. No mesmo sentido, Garganta (2001) afirma que este tipo de análises tem como fraqueza o fato de serem muito centradas nas ações individuais dos jogadores, dando pouca relevância às informações contextuais.

Análise Qualitativa

A análise qualitativa centra-se em avaliar as ações estruturais e funcionais do jogo, de uma forma multidisciplinar, dinâmica e interativa (O'Donoghue, 2014; Reilly, 2003). Este tipo de análise mais direcionada para a qualidade das ações tem como objetivo perceber o contexto que está na base do desempenho do jogador e conseqüentemente da equipa (Garganta, 1997; Castelo, 1996). De acordo com Garganta (1997) a análise da performance em futebol, a partir de uma análise de jogo qualitativa permite interpretar a organização e as ações que concorrem para a qualidade do jogo. Através da análise de forma qualitativa é possível entender o jogo a partir da dinâmica da sua organização, principalmente, das interações táticas que ocorrem das relações de cooperação e oposição dos jogadores e das equipas (Garganta, 2005). Percorrendo esta linha de pensamento, através da análise qualitativa, pretende-se identificar os padrões de jogo a partir das ações de jogo mais frequentes, com o objetivo de perceber os fatores que estão na origem da organização/desorganização de uma equipa (Franks & McGarry, 1996). Neste sentido, procura-se detetar e interpretar a permanência e/ou ausência de traços comportamentais na variabilidade de ações de jogo, denominados por Castellano Paulis & Mendo (2000) como padrões de conduta. Silva (2004) refere que este conceito assenta no carácter de regularidade e de probabilidade de ocorrência de certas condutas relativamente a outras, pelo que deve ser assumido quando ocorre um ordenado e lógico contíguo de comportamentos que configuram padrões.

Segundo Garganta (2001), para se obter o melhor conhecimento das particularidades da equipa adversária, é necessário ter em conta fatores como: o desenvolvimento da fase ofensiva e defensiva; o desenvolvimento da transição ataque-defesa e defesa-ataque; e os esquemas táticos (bolas paradas), e que tal só é possível através de uma observação qualitativa. Neste sentido, Ventura (2013) salienta que uma recolha eficaz dos dados deverá ter como base o sistema de jogo de base utilizado (colocação dos jogadores no terreno de jogo) que sustenta a dinâmica de cada momento (aspectos táticos do jogo). Domingos Paciência (à data treinador do Clube de Futebol «Os Belenenses») citado por Ventura (2013) destaca a importância da análise de jogo uma vez que permite perceber “em que sistema jogam (o adversário), como é que defendem, como é que atacam, o que é que fazem quando ganham a bola, o que é que fazem

quando perdem a bola, como elaboram o seu processo ofensivo e o seu processo defensivo”. Garganta (1998, 2001) refere que a maioria dos estudos sobre observação e análise de jogo têm incidido sobre a dimensão quantitativa da *performance*. Neste sentido, Sousa (2005) e Gréhainge et al., (2001), afirmam que, no que diz respeito à análise qualitativa dos aspetos táticos do jogo, há uma escassez de estudos publicados, existindo um reduzido número de estudos que têm em conta o carácter dinâmico dos comportamentos no futebol, bem como a interação que sucede entre os diversos intervenientes. Deste modo, ganha importância que o estudo do jogo tenha em conta a organização do mesmo, a partir das características das ações da equipa, assim como das características dos processos que conduzem a diferentes resultados (Garganta, 1997).

Objetivo

A organização coletiva de uma equipa, comporta repercussões concretas em cada jogador, pelo papel que desempenha no seio do modelo de jogo (Silva, 2014). O mesmo autor refere que a lógica interna do modelo de jogo de uma equipa é o resultado das interações individuais dos jogadores, e por isso, o entendimento do coletivo leva-nos a equacionar as relações dos jogadores. Seguindo a mesma linha de pensamento, Frade (1990) afirma que o futebol é um jogo de dinâmicas, e partindo dessa perspetiva, o modelo de jogo é uma totalidade que resulta das interações dos jogadores, de modo que, percebendo com o comportamento tático dos jogadores, é possível entender a dinâmica coletiva da equipa.

Face ao exposto, o presente estudo teve como objetivo, através de análise de vídeo, definir os pressupostos que permitam a utilização dos princípios táticos específicos para a análise da lógica interna em que assenta o modelo de jogo de uma equipa.

METODOLOGIA

A metodologia a utilizar centrou-se na análise qualitativa do jogo, tendo por base os princípios específicos do mesmo e a sua identificação em duas das três fases do processo ofensivo.

Amostra

Castelo (1994) refere que é a análise das equipas mais representativas de um nível superior de rendimento que melhor permite a identificação de uma lógica interna do jogo de futebol. Deste modo, neste estudo, foram observados 10 jogos da equipa italiana do SSC Nápoles, que também participou na Liga dos Campeões, para caracterização do seu processo ofensivo.

Tabela 1. Jogos observados. Época 2016/2017

Jogo nº	Jogo observado	Competição
1	  Chievo vs Nápoles	Liga Italiana
2	  Nápoles vs Juventus	Liga Italiana
3	  Palermo vs Nápoles	Liga Italiana
4	  Nápoles vs Udinese	Liga Italiana
5	  Roma vs Nápoles	Liga Italiana
6	  Lázio vs Nápoles	Liga Italiana
7	  Juventus vs Nápoles	Taça de Itália (1ª mão das meias-finais)
8	  Nápoles vs Juventus	Taça de Itália (2ª mão das meias-finais)

9	 Real Madrid vs Nápoles	Liga dos Campeões (1ª mão dos oitavos de final)
10	 Nápoles vs Real Madrid	Liga dos Campeões (2ª mão dos oitavos de final)

Uma das particularidades da observação e caracterização de uma equipa, está relacionada com o número de observações que se fazem, de forma a ser possível caracterizá-la a nível tático (Ventura, 2013). Teodorescu (2003) considera ser necessário observar uma equipa entre duas a três vezes para que os dados recolhidos tenham validade. Por outro lado, Villas Boas (2005), na altura técnico de análise de jogo da equipa técnica de José Mourinho, citado por Ventura (2013) afirma que “para análise de um adversário, necessitamos de quatro ou cinco jogos de observação, para percebermos se aquilo que acontece é por acaso ou se se trata de um padrão”. Não sendo consensual o número de jogos que devem ser observados, Ventura (2013) refere que quanto maior for o número de jogos observados e mais diversificada for a observação, maior será a fiabilidade das informações recolhidas.

Método de análise

Como método de análise dos jogos selecionados, foi escolhida a observação qualitativa, através de vídeo. De acordo Ventura (2013), hoje em dia, a utilização do vídeo no que diz respeito à análise de jogo está generalizada, pois o mesmo é considerado um meio indispensável, uma vez que facilita a visualização sistemática em velocidade normal, acelerada ou reduzida, permitindo assim uma maior fidelidade na recolha de dados. Noutra perspetiva, a análise através do vídeo permite detetar os comportamentos dos jogadores, reconhecer as estratégias utilizadas pela equipa observada (Ventura, 2013) e identificar as situações táticas em que se produzem oportunidades de golo (D’Orazio & Leo, 2010).

Procedimentos

Observação dos jogos com recurso ao vídeo

Após o download dos jogos da equipa do SSC Nápoles, através da base de dados “instatscout” procedeu-se à visualização dos mesmos, com recurso ao programa digital Sony Vegas Pro 13.0. Com a utilização deste programa, além do visionamento dos jogos de forma fluida, foi possível selecionar e guardar as imagens correspondentes aos padrões comportamentais mais frequentes na equipa do Nápoles, que posteriormente foram alvo de uma análise tática. Para a edição das imagens foi utilizado o programa de edição power point.

Critérios de análise

A análise realizada consistiu em 3 fases:

- 1) Identificação de todas as situações que:
 - Tiveram início (início da posse de bola para equipa do Nápoles) no meio campo-defensivo do Nápoles e terminaram quando se verificou uma das seguintes situações:
 - i. Remate realizado pela equipa do Nápoles
 - ii. A equipa adversária recuperou a posse de bola
 - iii. A bola saiu para fora do terreno de jogo
 - iv. Houve uma falta cometida
 - Tiveram início (início da posse de bola para a equipa do Nápoles) no meio campo-ofensivo do Nápoles e terminaram quando se verificou uma das seguintes situações:
 - i. Remate realizado pela equipa do Nápoles
 - ii. A equipa adversária recuperou a posse de bola
 - iii. A bola saiu para fora do terreno de jogo
 - iv. Houve uma falta cometida

2) Identificação das fases do jogo dentro de cada situação identificada. Para a identificação das duas fases de jogo descritas foram considerados os seguintes critérios:

- Fase de construção do processo ofensivo - Inicia-se, no meio campo-defensivo ou no meio campo-ofensivo, quando a equipa do Nápoles dá início à sua posse de bola, e termina quando a bola chega ao espaço entre a linha defensiva e a linha média adversária (com o portador da bola de frente para a baliza adversária) e/ou perto da grande área adversária.
- Fase de criação de situações de finalização: Inicia-se quando a bola chega ao espaço entre a linha defensiva e a linha média adversária (portador da bola de frente para a baliza adversária) e/ou perto da grande área adversária, e termina quando a bola entra em zonas propícias à finalização (principalmente dentro da grande área).

3) Identificação dos princípios táticos específicos e avaliação do cumprimento do princípio identificado. Para uma melhor compreensão da avaliação de cada princípio foram definidos os critérios descritos em baixo:

Tabela 2. Princípio do Espaço

Variáveis	Referências espaciais	Ações táticas	Indicadores de performance
Espaço	Movimentações realizadas fora do centro de jogo, entre a linha da bola e a linha do último defesa.	<p>Procura de espaços não ocupados pelos adversários no campo de jogo.</p> <p>Ampliação do espaço de jogo</p> <p>Drible ou condução para trás/linha lateral que permitem diminuir a pressão adversária sobre a bola.</p> <p>Movimentações que permitem (re) iniciar o processo ofensivo em zonas distantes daquela onde ocorreu a recuperação da posse de bola.</p>	<p>Bem sucedida (+)</p> <p>Ampliar largura e/ou profundidade do centro de jogo;</p> <p>Ocupar zonas de menor pressão;</p>

(adaptado de Costa, Garganta, Greco, & Mesquita (2009))

Tabela 3. Princípio da Mobilidade

Variáveis	Referências espaciais	Ações táticas	Indicadores de performance
Mobilidade	Movimentações executadas entre a linha da bola e a baliza adversária	<p>Movimentações em profundidade ou em largura, “nas costas” do último defesa em direção a linha de fundo ou à baliza adversária.</p> <p>Movimentações em profundidade ou em largura, que visem ganho de espaço ofensivo.</p> <p>Movimentações em profundidade ou em largura, propiciem receber a bola.</p> <p>Movimentações em profundidade ou em largura, que visem a criação de oportunidades para a sequência ofensiva do jogo.</p>	<p>Bem sucedida (+)</p> <p>Amplia centro de jogo nas costas dos adversários.</p> <p>Criação de espaços livres que possam ser ocupados por outros atacantes</p> <p>Movimentação cria ao portador da bola a possibilidade de passe em profundidade e largura</p>

(adaptado de Costa, Garganta, Greco, & Mesquita (2009))

Tabela 4. Princípio da Cobertura Ofensiva

Variáveis	Referências espaciais	Ações táticas	Indicadores de performance
Cobertura ofensiva	<p>Apoios ofensivos realizados:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Dentro do centro de jogo; -Fora do centro de jogo 	<p>Disponibilização de linhas de passe ao portador da bola.</p> <p>Apoios próximos ao portador da bola que permitem manter a posse de bola.</p> <p>Realização de tabelas e/ou triangulações com o portador da bola.</p> <p>Apoios próximos ao portador da bola que permitem assegurar superioridade numérica ofensiva.</p>	<p>Bem sucedida (+)</p> <p>Garantir linha de passe;</p> <p>Reduzir pressão ao portador;</p> <p>Linha de passe com visão global do posicionamento dos colegas à frente da linha da bola</p>

(adaptado de Costa, Garganta, Greco, & Mesquita (2009))

Tabela 5. Princípio da Penetração

Variáveis	Referências espaciais	Ações táticas	Indicadores de performance
Penetração	<p>Progressões da bola em direção à baliza ou à linha de fundo adversária.</p>	<p>Condução da bola pelo espaço disponível (com ou sem defesas à frente).</p> <p>Condução de bola em direção à linha de fundo ou à baliza adversária.</p> <p>Realização de dribles que propiciam condições favoráveis a um passe/assistência para o companheiro dar sequência ao jogo.</p> <p>Passes que permitam colocar a bola mais perto da baliza adversária ou da linha de fundo</p>	<p>Bem sucedida (+)</p> <p>Propiciar remate, passe ou drible.</p> <p>Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário.</p> <p>Ação que aproxima a bola da baliza adversária</p> <p>Ação que aproxima a bola da linha de fundo</p>

(adaptado de Costa, Garganta, Greco, & Mesquita (2009))

RESULTADOS

Os resultados da caracterização por intermédio da análise de vídeo com o objetivo de definir os pressupostos que permitem a utilização dos princípios táticos específicos para a análise da lógica interna do jogo em que assenta o modelo serão apresentados através de quadros síntese, que se encontram estruturados da seguinte maneira:

- Em primeiro lugar, as imagens que demonstram os padrões comportamentais mais frequentes da equipa analisada;
- Em segundo lugar, a descrição dos posicionamentos/comportamentos dos padrões comportamentais;
- Em terceiro lugar, a identificação de quais os princípios ofensivos específicos mais pertinentes em cada situação;
- E por último, a análise da utilização de cada princípio ofensivo presente em cada situação.

1. Primeira fase do processo ofensivo: construção do processo ofensivo

Quadro 1. Construção- Posicionamentos: bola no Guarda-Redes. Pressão alta adversária

	
	
Descrição	
Com a posse de bola no GR, aquando do pontapé de baliza, os dois centrais (DCD e DCE) bem abertos e o médio-defensivo (MD) numa linha próxima do guarda-redes (GR). A dar largura, numa zona ocupada por menos adversários, os dois defesas laterais (DLD e DLE) e em zonas interiores, e mais profundas, os dois médios centro (MCD e MCE). Ainda mais profundos, e já no meio campo ofensivo, o extremo	

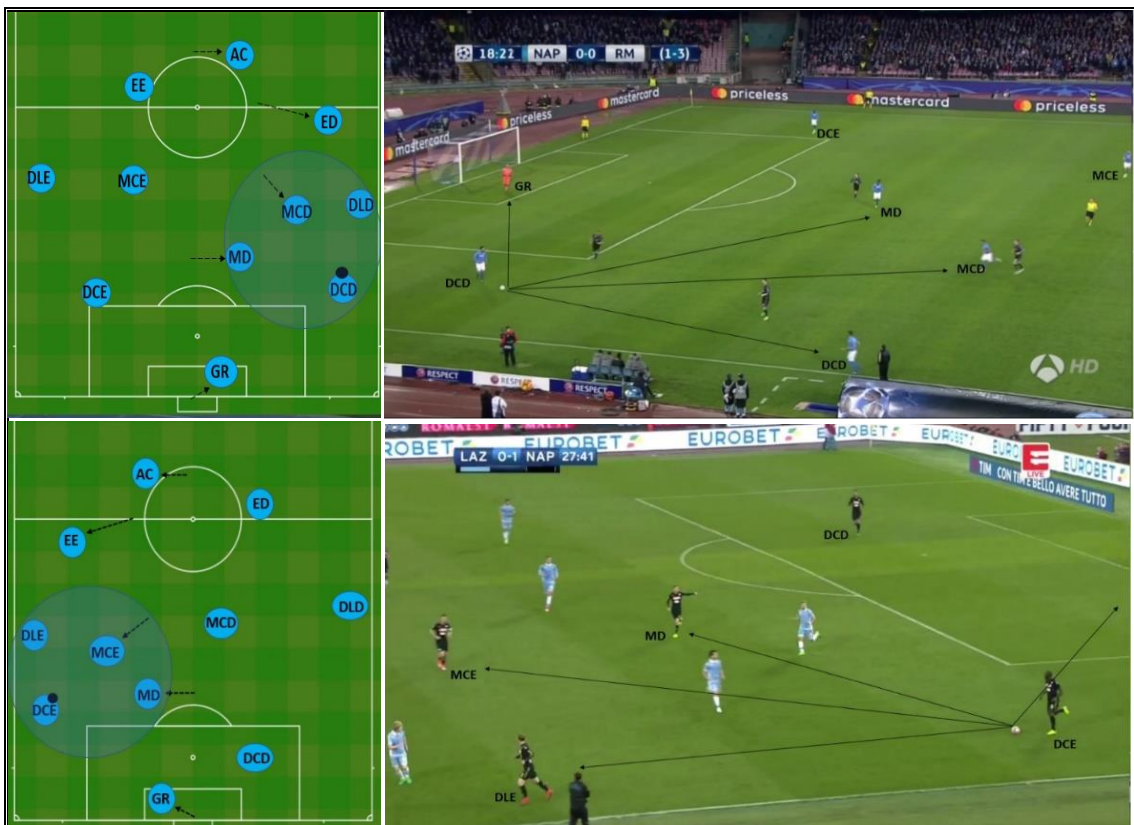
esquerdo (EE), o extremo direito (ED) e o avançado centro (AC). Caso o adversário pressione com mais um jogador, é o MCD que recua uns metros para garantir nova superioridade numérica (imagem 2).

Princípio ofensivo: Espaço

Indicadores de performance (bem sucedida)

Ampliar largura CJ/Ampliar profundidade CJ: O posicionamento profundo dos dois médios centro (MCE e MCD) e largo dos dois defesas laterais (DLE e DLD) e dos dois defesas centrais (DCE e DCD), oferece ao GR várias linhas de passe mais afastadas do CJ, ampliando assim o CJ, tanto em profundidade como em largura.

Quadro 2. Construção- Posicionamentos: bola no Defesa central esquerdo/Defesa central direito. Pressão alta adversária.



Descrição

Quando a bola é jogada do GR para um dos centrais (DCD/DCE) há um movimento de aproximação por parte dos médios (MCD/MCE e MD) ao central portador da bola. O defesa lateral (DLE/DLD) oferece uma linha de passe mais exterior, enquanto que a aproximação do médio centro do lado da bola (MCE/MCD) e do médio defensivo (MD) permitem ao portador da bola ter duas linhas de passe em zonas interiores. O GR, numa posição mais recuada, oferece ao portador da bola uma linha de passe mais afastada da zona da bola e da pressão adversária. Mais sobre a linha do meio campo, o ED/EE (conforme o lado da bola) oferecem uma linha de passe mais profunda.

Princípio ofensivo: Cobertura ofensiva

Indicadores de performance (bem sucedida)

Reduzir a pressão ao portador da bola: O GR, oferecendo uma linha de passe mais recuada e afastada do CJ, oferece ao portador da bola uma cobertura ofensiva, que lhe permite jogar em segurança, diminuindo assim a pressão exercida sobre ele.

Princípio ofensivo: Espaço

Indicadores de performance (bem sucedida)

Ampliar largura CJ / Ampliar profundidade CJ: Com o posicionamento do ED/EE no corredor lateral onde a bola se encontra, o portador da bola ganha uma linha de passe em profundidade, ou seja, nas “costas” dos adversários que realizam pressão ao portador da bola. Assim, além das linhas de passe dentro do CJ, o portador da bola tem uma linha de passe mais afastada do CJ.

Quadro 3. Construção- Comportamentos com início no corredor lateral esquerdo. Defesa central esquerdo, Médio centro esquerdo e Extremo esquerdo



Descrição

Partindo dos posicionamentos referidos anteriormente, com a bola em posse do DCE, o MCE vai realizar um movimento de aproximação, “arrastando” consigo um adversário, criando deste modo, espaço nas suas “costas” que vai ser aproveitado pelo EE. Após o movimento de aproximação e de ter recebido o passe feito pelo DCE, o MCE vai devolver a bola ao DCE que se encontra de frente para jogo. Por último, o DCE vai realizar um passe vertical para o EE, que permite a progressão da bola.

Princípio ofensivo: Mobilidade

Indicadores de performance (bem sucedida)

Criação de espaços livres que possam ser ocupados por outros atacantes: O movimento de aproximação do MCE ao portador da bola vai “arrastar” conseguido o seu marcador (imagem 1 e 2), criado assim espaço para onde o EE se possa deslocar para receber a bola.

Princípio ofensivo: Cobertura Ofensiva

Indicadores de performance (bem sucedida)

Linha de passe com visão global do posicionamento dos colegas à frente da linha da bola/Reduzir a pressão ao portador: O posicionamento em cobertura ofensiva por parte do DCE (imagem 2), permite

ao MCE, pressionado pelas “costas”, ter uma linha de passe em segurança, que lhe possibilite diminuir a pressão. Além disso, o facto do DCE se encontrar de frente para o jogo, permite-lhe perceber o posicionamento dos colegas à frente da linha da bola.

Princípio ofensivo: Penetração

Indicadores de performance (bem sucedida)

Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe vertical do DCE para o EE (imagem 3 e 4) permite deixar os três adversários assinalados “fora” do lance, ou seja, não estando colocados entre a bola e a baliza que defendem, como acontecia antes do passe ser realizado.

Princípio ofensivo: Espaço

Indicadores de performance (bem sucedida)

Ocupar zonas de menor pressão: O posicionamento do EE (imagem 3 e 4), atrás dos jogadores adversários assinalados permite-lhe receber a bola numa zona com menor pressão, uma vez que se encontra num espaço entre a linha defensiva e a linha média adversaria.

Quadro 4. Construção- Comportamentos com início no Corredor lateral esquerdo. Defesa central esquerdo, Extremo esquerdo e Médio defensivo



Descrição

Outra dos comportamentos da equipa do Nápoles para fazer a bola progredir em direção ao meio campo adversário, passa por fazer a bola chegar ao MD, com este já de frente para o meio campo adversário. Se a linha de passe entre o portador da bola e o MD estiver tapada como acontece na imagem 1, o DCE vai passar a bola para EE, para que este a faça chegar ao MD que se encontra de frente para o jogo e sem a pressão adversária. Quando a bola chega ao MD, há logo duas soluções para dar seguimento ao lance: O MCD e o AC (para onde a bola acaba por ir).

<p>Princípio ofensivo: Mobilidade Indicadores de performance (bem sucedida)</p>
<p>Criação de espaços livres que possam ser ocupados por outros atacantes: O movimento do MCE em direção ao corredor lateral esquerdo (imagem 1) vai “arrastar” o adversário assinalado de uma zona mais interior do campo, para uma zona mais exterior, permitindo assim ao EE receber a bola na zona que inicialmente era ocupada pelo MCE.</p>
<p>Princípio ofensivo: Cobertura Ofensiva Indicadores de performance (bem sucedida)</p>
<p>Linha de passe com visão global do posicionamento dos colegas à frente da linha da bola/Reduzir a pressão ao portador da bola: O posicionamento em cobertura ofensiva por parte do MD, quando a bola chega ao EE (imagem 2), permite ao portador da bola, que se encontra pressionado por um adversário, ter uma linha de passe em segurança, que lhe possibilite diminuir a pressão. Além disso, o facto do MD se encontrar de frente para o jogo, permite-lhe perceber de imediato o posicionamento dos colegas à frente da linha da bola (AC e MCD).</p>

Quadro 5. Construção- Comportamentos com início no corredor lateral esquerdo. Defesa central esquerdo, Defesa lateral esquerdo, Médio defensivo e Médio centro esquerdo.



<p>Descrição</p> <p>Se na situação descrita no quadro anterior foi o EE que serviu de meio para fazer chegar a bola ao MD, neste o jogador utilizado foi o DLE. O DCE vai colocar a bola no DLE que irá fazer um passe interior para o MD. Se houver condições para tal (espaço entre linhas do adversário), o MD procura realizar o passe para o MCE, no espaço entre a linha defensiva e a linha média adversária.</p>
<p>Princípio ofensivo: Penetração Indicadores de performance (bem sucedida)</p>

<p>Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe vertical do DCE para o DLE vai deixar “fora” do lance o jogador assinalado na imagem 2, ou seja, deixando de estar posicionado entre a linha da bola e da baliza, como acontecia inicialmente. O passe vertical do MD para o MCE (imagem 3) permite deixar os dois adversários assinalados “fora” do lance (imagem 4), ou seja, não estando colocados entre a bola e a baliza que defendem, como inicialmente (imagem 3) acontecia.</p>
<p>Princípio ofensivo: Espaço Indicadores de performance (bem sucedida)</p>
<p>Ocupar zonas de menor pressão: O posicionamento do MCE, nas “costas” dos adversários assinalados (imagem 3), permite-lhe receber a bola numa zona de menor pressão (imagem 4) uma vez que entre ele e a baliza adversária apenas se encontram os elementos da linha defensiva.</p>

Quadro 6. Construção- Comportamentos com início no corredor central, sem pressão alta adversária. Defesa central esquerdo e Médio central esquerdo.



<p>Descrição</p> <p>Quando o adversário não pressiona alto a fase de construção do Nápoles, é através da condução que a bola avança em direção ao meio campo contrário. O DCE, sem nenhum adversário a condicionar a sua ação, irá conduzir a bola em direção ao meio campo adversário, até ter uma linha de passe entre a linha média e a linha defensiva adversária. Após ter essa linha de passe garantida, o DCE vai realizar um passe vertical, fazendo a bola chegar ao MCE.</p>
<p>Princípio ofensivo: Penetração Indicadores de performance (bem sucedida)</p>

<p>Ação que aproxima a bola da baliza adversária: A condução de bola por parte do DCE (imagem 1 e 2), desde a sua grande área até próximo da linha de meio campo, permitiu aproximar a bola da baliza adversária.</p> <p>Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe vertical do DCE para o MCE (imagem 2 e 3) permite deixar quatro adversários “fora” do lance (imagem 4), ou seja, não estando colocados entre a bola e a baliza que defendem, como acontecia inicialmente (imagem 3).</p>
<p>Princípio ofensivo: Espaço Indicadores de performance (bem sucedida)</p>
<p>Ocupar zonas de menor pressão: O posicionamento do MCE, nas “costas” dos adversários (quarta imagem), permite-lhe receber a bola numa zona de menor pressão adversária, tendo apenas a linha defensiva entre ele e a baliza adversária.</p>

Quadro 7. Construção- Posicionamentos base no corredor lateral direito

<p>Descrição</p> <p>No meio campo ofensivo, com a bola no corredor lateral direito, a equipa do Nápoles desloca muitos jogadores para a zona da bola, de modo a garantir que o portador da bola tem sempre várias opções de passe. Como opção de passe mais segura e recuada, o MD. Como opção de passe exterior e interior, o ED e MCD, que realizam muitas trocas posicionais. Quando o MCE se encontra mais perto da zona da bola, é o EE a posicionar-se no corredor central, mais afastado da zona da bola e por isso numa zona com menos adversários. Nas situações em que o MCE não se aproxima da zona da bola, é ele que ocupa uma posição mais central, numa zona com menor concentração de adversários.</p>	
<p>Princípio ofensivo: Cobertura Ofensiva Indicadores de performance (bem sucedida)</p>	

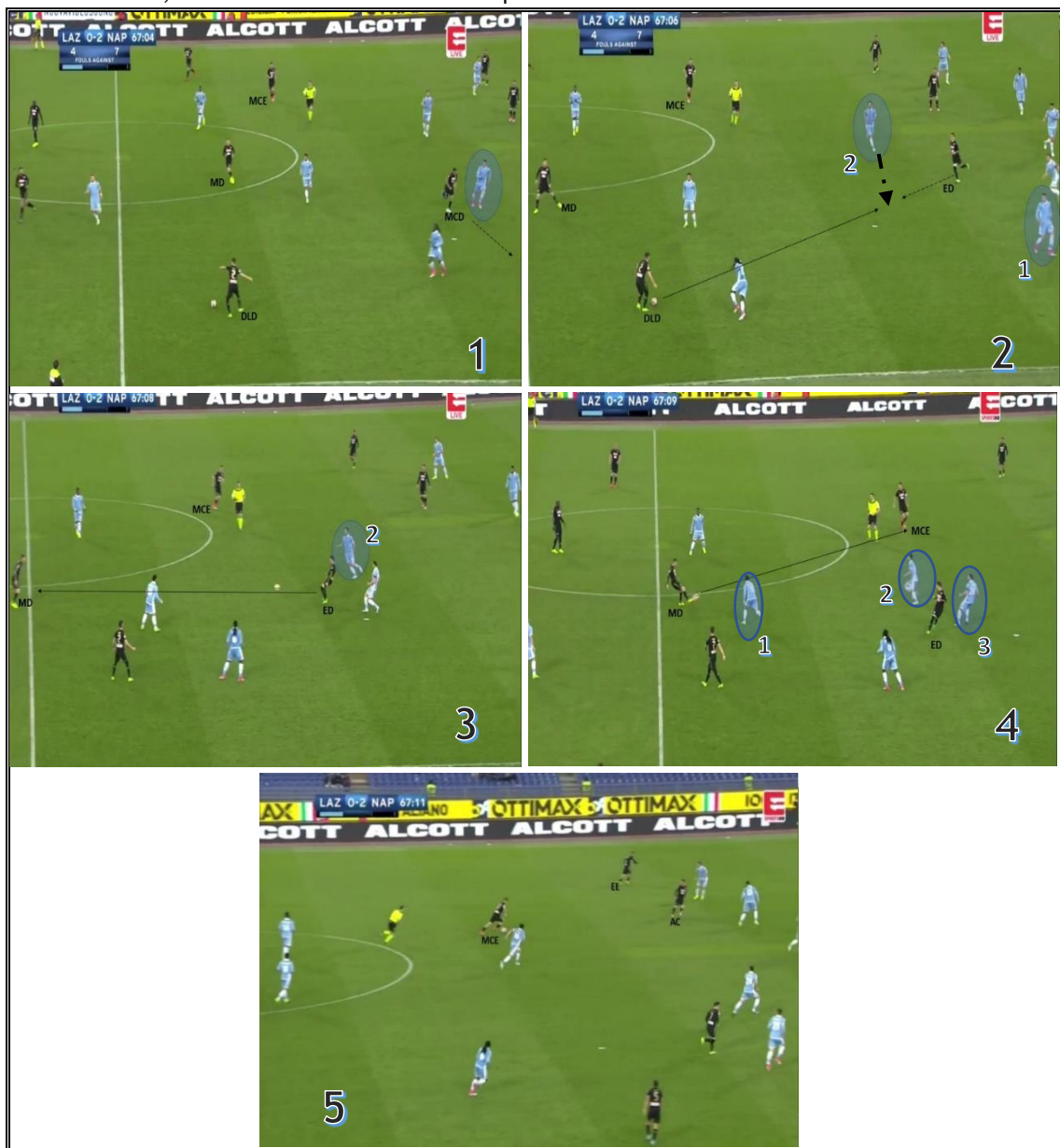
Linha de passe com visão global do posicionamento dos colegas à frente da linha da bola/ Reduzir a pressão ao portador da bola: O posicionamento em cobertura ofensiva por parte do MD (imagem 2), permite ao portador da bola ter uma linha de passe em segurança, ou seja, sem pressão adversária e de frente para o jogo, podendo assim perceber o posicionamento dos restantes colegas.

Princípio ofensivo: Espaço

Indicadores de performance (bem sucedida)

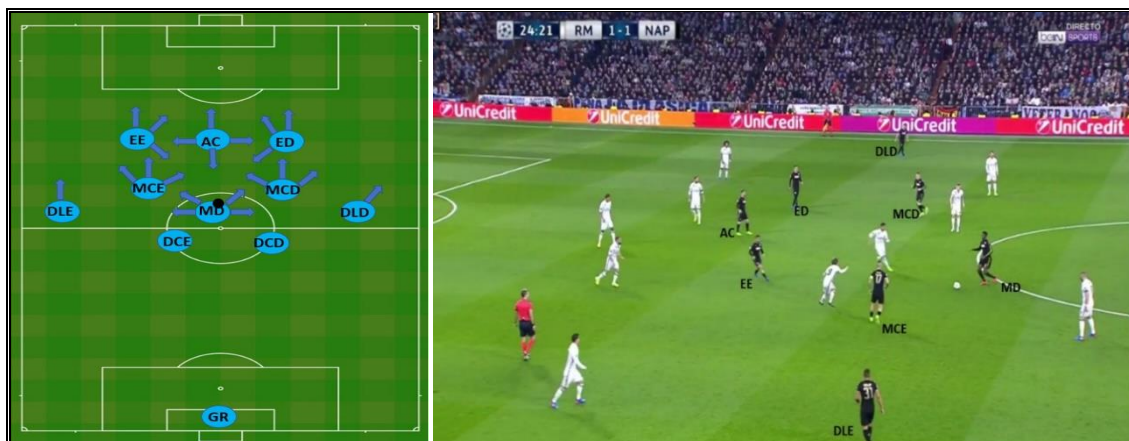
Ocupar de menor pressão: O posicionamento do MCE ou EE no corredor central (imagem 1 e 2 respetivamente), mais afastados da zona da bola, vai permitir à equipa do Nápoles ter a opção de variar o centro de jogo, fazendo a bola chegar a uma zona com menor pressão dos adversários, uma vez que a maior parte deles se encontra perto da zona da bola.

Quadro 8. Construção- Comportamentos com início no corredor lateral direito. Defesa lateral direito, Extremo direito, Médio direito e Médio centro esquerdo.



Descrição
No corredor lateral direito, o comportamento da equipa do Nápoles passa por atrair os adversários para a zona da bola, para libertar espaço no corredor central. No lance que serve de exemplo para demonstrar o padrão ofensivo, quando o DLD tem a bola, o MCD vai deslocar-se para o corredor lateral, dando uma linha de passe exterior ao portador da bola ao mesmo tempo que “arrasta” consigo o seu marcador. No espaço deixado vago pela movimentação do MCD, aparece o ED para receber o passe do DLD. O fato do ED receber a bola naquele espaço vai atrair mais um adversário para perto da zona da bola, libertando o espaço onde se encontra o MCE. O ED pressionado pelas costas, vai jogar a bola no MD que se encontra de frente para o jogo e sem pressão adversária. Ao receber a bola, o MD realiza o passe para o MCE que se encontra posicionado numa zona sem pressão adversária, recebendo a bola apenas com a linha defensiva entre ele a baliza que pretende atacar.
Princípio ofensivo: Mobilidade Indicadores de performance (bem sucedida)
Criação de espaços livres que possam ser ocupados por outros atacantes: O movimento do MCD em direção ao corredor lateral direito (imagem 1) vai “arrastar” consigo o seu marcador direto (jogador adversário assinalado na imagem 1), criando espaço para que o ED possa aparecer para receber a bola. O movimento de aproximação do ED (imagem 2), para receber o passe vindo do DLD, vai atrair a marcação de outro adversário (jogador assinalado na imagem 2 com o nº 2), criando espaço para que o MCE possa receber o passe do MD (imagem 4 e 5).
Princípio ofensivo: Espaço Indicadores de performance (bem sucedida)
Ocupar zonas de menor pressão: O posicionamento do MCE (imagem 2 e 3), mais afastado da zona da bola, permite-lhe receber o passe do MD numa zona com menor concentração de adversários, tendo assim mais condições de conduzir a bola em direção à grande área adversária.
Princípio ofensivo: Cobertura Ofensiva Indicadores de performance (bem sucedida)
Linha de passe com visão global do posicionamento dos colegas à frente da linha da bola Reduzir a pressão ao portador da bola: O posicionamento em cobertura ofensiva por parte do MD (imagem 3), permite ao ED ter uma linha de passe em segurança, ou seja, sem pressão adversária. Quando a bola chega ao MD, como se encontra de frente para o jogo, consegue perceber mais facilmente o posicionamento do MCE e realizar o passe.
Princípio ofensivo: Penetração Indicadores de performance (bem sucedida)
Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe vertical do MD para o MCE permite deixar vários adversários (adversários assinalados na imagem 4) “fora” do lance, ou seja, não estando colocados entre a bola e a baliza que defendem, como é possível ver na imagem 5.

Quadro 9. Construção- Posicionamentos base quando a bola está no corredor central



Descrição

No corredor central, o posicionamento base da equipa do Nápoles é um posicionamento que permite um grande preenchimento do corredor central, sem descuidar a largura, que é oferecida pelos dois defesas laterais. Os três jogadores da frente (ED, AC e EE) posicionam-se no corredor central, no espaço entre a linha defensiva e a linha média adversária. O MCE e MCD que também se encontram no corredor central, ocupam posições mais próximas do MD. Nos corredores laterais estão o DLE e o DLD.

Princípio ofensivo: Espaço

Indicadores de performance (bem sucedida)

Ampliar largura CJ: Com a bola no corredor central, os dois defesas laterais (DLE e DLD) posicionam-se no respetivo corredor lateral, aumentando assim, em largura, o espaço efetivo de jogo.

Princípio ofensivo: Cobertura Ofensiva

Indicadores de performance (bem sucedida)

Reduzir pressão ao portador da bola: Os 2 defesas centrais (DCE e DCD), posicionados numa zona mais recuada mas próxima do MD permitem ao portador da bola ter uma linha de passe mais segura, de modo a reduzir a pressão sobre o mesmo.

Quadro 10. Construção- Comportamentos com início no corredor central. Médio defensivo e Médio centro esquerdo/Extremo esquerdo.



Descrição

Com a bola no corredor central, caso a equipa adversária permita muito espaço entre a linha média e a linha defensiva, a equipa do Nápoles vai utilizar muito o passe vertical para fazer a bola progredir em direção à baliza contrária. Este tipo de passes vai “retirar” do lance muitos adversários. Castelo (1996) refere que se o passe para o companheiro posicionado mais profundamente no ataque não for possível, a melhor opção é passá-la a um companheiro pondo fora da jogada o maior número de adversários, isto é, não estando estes entre a bola e a sua própria baliza. Deste modo, o EE/MCE posiciona-se espaço entre a linha média e a linha defensiva adversária, onde vai receber o passe feito pelo MD.

Princípio ofensivo: Espaço

Indicadores de performance (bem sucedida)

Ir para zonas de menor pressão: O posicionamento do EE/MCE (imagem 1 e 3 respetivamente) atrás da linha média adversária, permite-lhe receber a bola numa zona de menor pressão adversária, tendo mais condições para após a receção da bola dar seguimento ao processo ofensivo da sua equipa.

Princípio ofensivo: Penetração

Indicadores de performance (bem sucedida)

Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe vertical do MD para o EE/MCE (imagem 1 e 3 respetivamente) permite deixar quatro adversários “fora” do lance (imagem 2 e 4), ou seja, não estando colocados entre a bola e a baliza que defendem, como acontecia inicialmente (imagem 1 e 3)

Quadro 11. Construção- Comportamentos com início no corredor central. Médio direito e Extremo esquerdo.



Descrição

Quando o adversário não permite espaço para nenhum jogador do Nápoles receber a bola entre a linha média e a linha defensiva, a equipa do Nápoles procura fazer chegar a bola aos corredores laterais, principalmente ao corredor laterais esquerdo. De modo a garantir melhores condições espacio-temporais ao jogador que recebe a bola no corredor lateral, o MCE vai realizar um movimento de rutura, atraindo o adversário assinalado para zonas mais interiores, de modo a que o EE receba no corredor lateral esquerdo o passe feito pelo MD, com tempo e espaço suficiente para dar continuidade ao processo ofensivo.

Princípio ofensivo: Espaço

Indicadores de performance (bem sucedida)

Ampliar largura CJ: O posicionamento do EE (imagem 1) permite oferecer ao portador da bola uma linha de passe em largura, fora do centro de jogo, numa zona com menos concentração de adversários.

Princípio ofensivo: Penetração

Indicadores de performance (bem sucedida)

Ação que aproxima a bola da baliza adversária: Ainda que o passe do MD para o EE tenha sido feito para o corredor lateral, permitiu aproximar, em profundidade, a bola da baliza adversária (imagem 1 e 2).

Princípio ofensivo: Mobilidade

Indicadores de performance (bem sucedida)

Criação de espaços livres que possam ser ocupados por outros atacantes: O movimento de rutura realizado pelo MCE (imagem 1) vai permitir criar mais espaço para o EE receber a bola já no corredor lateral esquerdo, uma vez que o adversário assinalado, numa fase inicial vai acompanhar o movimento do MCE e só depois inverte o movimento e se desloca para o corredor lateral esquerdo.

Quadro 12. Construção- Comportamentos com início no corredor central. Defesa central esquerdo, Extremo esquerdo e Médio centro esquerdo.



Descrição

Quando há espaço para a bola entrar entre a linha defensiva e a linha média do adversário, mas o portador da bola não tem condições para após a receção conduzir em direção à baliza adversária, vai procura ligar com outro jogador que já esteja virado para a baliza adversária. O DCE vai realizar um passe vertical para o EE, que depois de receber a bola vai entregá-la ao MCE que já se encontra virado para a baliza adversária e apenas com a linha defensiva adversária pela frente.

Princípio ofensivo: Espaço

Indicadores de performance (bem sucedida)

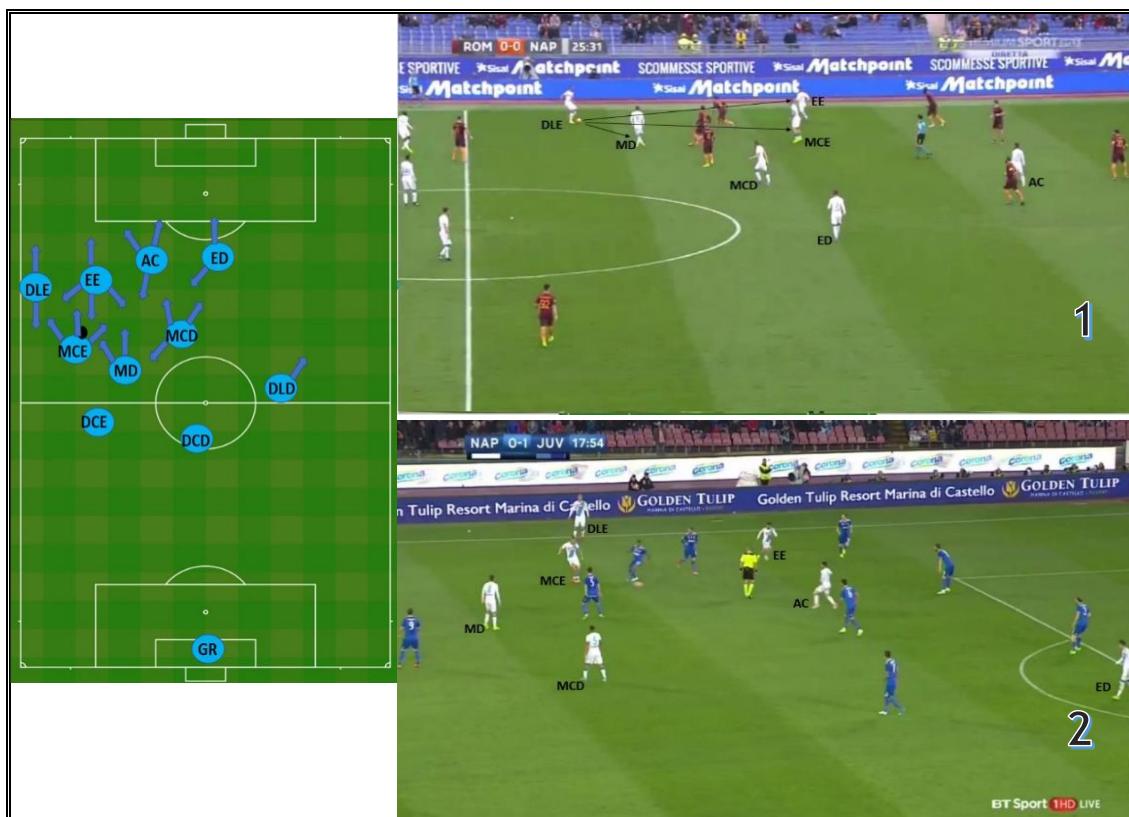
Ocupar zonas de menor pressão: O posicionamento do EE (imagem 1) atrás da linha média adversária (jogadores assinalados), permite-lhe receber a bola numa zona de menor pressão adversária, tendo mais condições para após a receção da bola dar seguimento ao processo ofensivo da sua equipa.

Princípio ofensivo: Penetração

Indicadores de performance (bem sucedida)

Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe vertical do DCE para o EE (imagem 1) permite deixar dois adversários “fora” do lance (imagem 2), ou seja, não estando colocados entre a bola e a baliza que defendem. O passe do EE para o MCE (imagem 2), permite deixar o adversário assinalado atrás da linha da bola (imagem 3).

Quadro 13. Construção- Posicionamentos base no Corredor lateral esquerdo.



Descrição

No meio campo ofensivo, com a bola no corredor lateral esquerdo, a equipa do Nápoles desloca muitos jogadores para a zona da bola, de modo a garantir que o portador da bola tem sempre várias opções de passe. Como opção de passe mais segura e recuada, o MD. O EE e o MCE como linhas de passe mais frontais, sendo que uma é mais exterior e outra mais interior. Mais afastado da zona da bola encontra-se o MCD ou o ED (este último nos momentos em que o MCD se encontra perto da zona da bola).

Princípio ofensivo: Espaço

Indicadores de performance (bem sucedida)

Ocupar zonas de menor pressão: O posicionamento do ED (imagem 1) ou MCD (imagem 2) no corredor central permite ao portador da bola ter uma linha de passe numa zona de menor pressão adversária, uma vez que a maior parte dos adversários estão concentrados mais próximas da zona da bola.

Princípio ofensivo: Cobertura Ofensiva

Indicadores de performance (bem sucedida)

Linha de passe com visão global do posicionamento dos colegas à frente da linha da bola/ Reduzir a pressão ao portador da bola: O posicionamento em cobertura ofensiva por parte do MD (imagem 2), permite ao portador da bola ter uma linha de passe em segurança, ou seja, sem pressão adversária e de frente para o jogo, tendo assim mais facilidade em gerir o ritmo de jogo porque percebe melhor o posicionamento dos adversários e dos colegas de equipa.

Quadro 14. Construção- Comportamentos com início no Corredor lateral esquerdo. Defesa central esquerdo, Médio centro esquerdo e Médio direito.



Descrição

As triangulações entre o DCE, MCE e MD são um comportamento muito visto na equipa do Nápoles quando não há espaço suficiente para colocar logo a bola no espaço entre a linha média e a linha defensiva adversária. O DCE coloca a bola no MCE, que como se encontra de costas para a baliza adversária e com pouco espaço, vai passá-la ao MD que se encontra numa posição mais recuada e de frente para o jogo. Após o passe, o MCE desloca-se para o espaço entre a linha média e a linha defensiva adversária, para receber o passe do MD. Caso não seja o MCE a deslocar-se para lá, é o EE que aparece para receber a bola entre linhas.

Princípio ofensivo: Cobertura ofensiva

Indicadores de performance (bem sucedida)

Linha de passe com visão global do posicionamento dos colegas à frente da linha da bola: O posicionamento em cobertura ofensiva por parte do MD (imagem 2), permite ao MCE ter uma linha de passe em segurança, ou seja, sem pressão adversária. Quando a bola chega ao MD, como se encontra de frente para o jogo, consegue perceber mais facilmente o posicionamento do MCE e realizar o passe.

Princípio ofensivo: Espaço

Indicadores de performance (bem sucedida)

Ocupar zonas de menor pressão: O posicionamento do MCE (imagem 3) atrás da linha média adversária (jogadores assinalados), permite-lhe receber a bola numa zona de menor pressão adversária, tendo mais condições para após a receção da bola dar seguimento ao processo ofensivo da sua equipa.

<p>Princípio ofensivo: Penetração</p> <p>Indicadores de performance (bem sucedida)</p>
<p>Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe vertical do MD para o MCE (imagem 3) permite deixar três adversários “fora” do lance (imagem 4), ou seja, não estando colocados entre a bola e a baliza que defendem.</p>

Quadro 15. Construção- Comportamentos com início no Corredor lateral esquerdo. Extremo esquerdo e Médio centro



<p>Descrição</p> <p>Nem sempre participam três jogadores na construção de situações que aproximam a equipa do Nápoles da baliza adversária. A tabela, utilizada apenas por dois jogadores é uma solução muito utilizada para fazer chegar a bola ao espaço entre a linha defensiva e a linha média do adversário. O passe do EE para o MCE e a movimentação para receber a devolução da bola no espaço permite que o jogador do Nápoles receba a bola já no espaço entre os defesas e médios adversários, tendo assim apenas a linha defensiva entre ele e a baliza que pretende atacar.</p>
<p>Princípio ofensivo: Mobilidade</p> <p>Indicadores de performance (bem sucedida)</p>
<p>Cria espaços para receber a bola: O movimento do EE, iniciado logo após o passe para o MCE (imagem 1 e 2), permitiu-lhe criar condições para receber a bola, uma vez que se deslocou para o espaço entre os defesas e médios adversários (imagem 3).</p>
<p>Princípio ofensivo: Penetração</p> <p>Indicadores de performance (bem sucedida)</p>
<p>Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe do MCE para o EE (imagem 2) permitiu deixar três adversários “fora” do lance (imagem 3), ou seja, não estando colocados entre a bola e a baliza que defendem, como acontecia inicialmente.</p>

Quadro 16. Construção- Comportamentos com início no Corredor lateral esquerdo. Extremo esquerdo, Médio centro esquerdo e Defesa lateral Esquerdo.



Descrição

O EE, ao receber a bola perto da linha lateral, vai iniciar a condução da mesma, na diagonal, em direção à baliza adversária. Após uns metros a conduzir a bola, vai realizar um passe atrasado para o MCE. Após o passe, o EE continua o seu movimento na diagonal, arrastando consigo a marcação dos dois adversários assinalados. Esse arrastamento vai criar espaço mais perto da linha de fundo, onde o DLE vai receber o passe feito pelo MCE.

Princípio ofensivo: Penetração

Indicadores de performance (bem sucedida)

Ação que aproxima a bola da baliza adversária: A condução de bola do EE na diagonal (imagem 1 e 2), partido de uma zona próxima da linha lateral, vai permitir a aproximação da bola à baliza adversária

Princípio ofensivo: Cobertura ofensiva

Indicadores de performance (bem sucedida)

Linha de passe com visão global do posicionamento dos colegas à frente da linha da bola: O posicionamento em cobertura ofensiva por parte do MCE (imagem 2), permite ao EE ter uma linha de passe em segurança, ou seja, sem pressão adversária. Com o MCE de frente para o jogo, é mais fácil ter a perceção do posicionamento do DLE.

Princípio ofensivo: Mobilidade

Indicadores de performance (bem sucedida)

Criação de espaços livres que possam ser ocupados por outros atacantes: A movimentação do EE, após ter feito o passe para o MCE (imagem 2 e 3), vai arrastar consigo os dois adversários assinalados, criando assim espaço mais para o DLE receber a bola.

Quadro 17. Construção- Comportamentos com início no Corredor lateral esquerdo. Médio centro, Avançado centro e Extremo esquerdo.



Descrição
Também no corredor lateral esquerdo, a equipa do Nápoles utiliza muito a ligação entre o apoio frontal e a cobertura ofensiva para fazer a bola progredir em direção à baliza adversária. O MD vai passar a bola ao AC que serve como apoio frontal, que de primeira vai entregar ao EE. Deste modo, quem recebe a bola (EE) vai estar de frente para a baliza adversária, e em condições de conduzir a bola em direção à mesma.
Princípio ofensivo: Penetração Indicadores de performance (bem sucedida)
Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe do MD para o AC (imagem 1) permitiu deixar dois adversários “fora” do lance (imagem 2), ou seja, não estando colocados entre a bola e a baliza que defendem.
Princípio ofensivo: Cobertura Ofensiva Indicadores de performance (bem sucedida)
Linha de passe com visão global do posicionamento dos colegas à frente da linha da bola: O posicionamento em cobertura ofensiva por parte do EE (imagem 2) no momento em que a bola chega ao AC, permite ao portador ao avançado do Nápoles ter uma linha de passe de um colega que se encontra de frente para o jogo, em progredir com a bola em direção à baliza adversária.
Princípio ofensivo: Espaço Indicadores de performance (bem sucedida)
Ocupar zonas de menor pressão: O posicionamento do AC (imagem 2), atrás dos jogadores adversários assinalados permite-lhe receber a bola numa zona com menor pressão adversária, servindo de apoio

frontal ao portador da bola, uma vez que se encontra num espaço entre a linha defensiva e a linha média adversária.

2. Segunda fase do processo ofensivo: criação de situações de finalização

Quadro 18. Criação- Comportamentos com início no corredor central. Médio centro esquerdo e Avançado centro.



Descrição

Quando a equipa do Nápoles consegue fazer chegar a bola ao espaço entre a linha defensiva e a linha média adversária, os movimentos de rutura por parte do AC são um movimento predominante para garantir condições para finalizar. Num dos exemplos que demonstra o padrão neste tipo de lances, mesmo com a linha defensiva posicionada longe da baliza que defende, o MCE, ao receber a bola no espaço entre linhas, vai realizar um passe para a profundidade, onde o AC, através do seu movimento de rutura vai receber a bola já só com o GR adversário pela frente. Castelo (1996) refere que este tipo de passe para as “costas” da última linha defensiva é o passe que causa maior número de problemas à defesa contrária uma vez que os defesas são obrigados a mudarem a orientação dos seus apoios e a deslocarem-se na direção da sua própria baliza, logo, podem tornar-se ações demoradas e ineficazes

Princípio ofensivo: Penetração

Indicadores de performance (bem sucedida)

Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe vertical do MCE para o AC (imagem 1 e 2) permite permitiu ultrapassar toda a linha defensiva adversária.

Princípio ofensivo: Mobilidade

Indicadores de performance (bem sucedida)

Movimentação do jogador cria ao portador da bola a possibilidade de passe em profundidade: O movimento de rutura por parte do AC (imagem 1) permite ao MCE realizar um passe para a profundidade (imagem 2), já nas costas da linha defensiva adversária.

Quadro 19. Criação- Comportamentos com início no corredor central. Médio centro esquerdo e Avançado centro.



Descrição
Mesmo com a linha defensiva adversária mais recuada, ou seja, perto da sua grande área, os movimentos de rutura por parte do AC são uma constante. O MCE ao receber a bola entre os médios e os defesas adversários, vai realizar um passe para o AC receber a bola apenas com o GR adversário pela frente.
Princípio ofensivo: Penetração Indicadores de performance (bem sucedida)
Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe vertical do MCE para o AC (imagem 1) permitiu ultrapassar toda a linha defensiva adversária (imagem 2).
Princípio ofensivo: Mobilidade Indicadores de performance (bem sucedida)
Movimentação do jogador cria ao portador da bola a possibilidade de passe em profundidade: O movimento de rutura por parte do AC (imagem 1) permitiu ao MCE realizar um passe para a profundidade (imagem 2), ou seja, para as “costas” da linha defensiva adversária.

Quadro 20. Criação- Comportamentos com início no corredor central. Médio centro esquerdo e Avançado centro.



Descrição

Quando a bola chega ao espaço entre a linha defensiva e a linha média adversária mas não há condições para o AC realizar um movimento de rutura, o AC procura posicionar-se de modo a receber a bola e tabelar com o MCE. Após o passe para o AC, o MCE realiza um movimento de rutura para receber a bola vinda do AC, apenas com o GR adversário pela frente.

Princípio ofensivo: Penetração

Indicadores de performance (bem sucedida)

Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe diagonal do AC para o MCE (imagem 2) permite deixar o MCE apenas com o GR adversário pela frente (imagem 3), quando inicialmente (imagem 1) se encontravam vários adversários entre a bola e a baliza.

Princípio ofensivo: Mobilidade

Indicadores de performance (bem sucedida)

Movimentação do jogador cria ao portador da bola a possibilidade de passe em profundidade: O movimento de rutura por parte do MCE (imagem 1 e 2) permite ao AC realizar um passe para a profundidade (imagem 3), onde o MCE vai receber a bola já nas “costas” da linha defensiva adversária.

Quadro 21. Criação- Comportamentos com início no corredor central. Médio centro esquerdo e Extremo esquerdo.



Descrição
O ataque à profundidade por parte do EE é outro dos padrões comportamentais mais verificados pela equipa na Nápoles, quando procuram assegurar as zonas propícias para finalizar. O MCE, no corredor central, vai realizar um passe para as costas da linha defensiva adversária, onde aparece o EE, após um movimento de rutura na diagonal, nas “costas” da linha defensiva adversária.
Princípio ofensivo: Penetração Indicadores de performance (bem sucedida)
Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe em profundidade do MCE para o EE permite deixar o EE apenas com o GR adversário pela frente (imagem 2), quando inicialmente (imagem 1) se encontravam vários adversários entre a bola e a baliza.
Princípio ofensivo: Mobilidade Indicadores de performance (bem sucedida)
Movimentação do jogador cria ao portador da bola a possibilidade de passe em profundidade: O movimento de rutura realizado pelo EE (imagem 1 e 2), ofereceu ao MCE uma linha de passe em profundidade, ou seja, nas “costas” da linha defensiva adversária.
Princípio ofensivo: Espaço Indicadores de performance (bem sucedida)
Ampliar a profundidade do CJ: O posicionamento do EE (imagem 1), já perto da grande área adversária, permite ao portador da bola ter uma linha de passe afastada do CJ, em profundidade.

Quadro 22. Criação- Comportamentos com início no corredor central. Médio defensivo e Extremo direito.



Descrição
Com a bola no corredor central, e mesmo que ainda longe da grande área adversária, a equipa do Nápoles, recorre algumas vezes ao passe mais longo para a profundidade. Com a posse de bola no MD, o ED vai iniciar um movimento de rutura, em profundidade, para receber o passe já dentro da grande área adversária, e de imediato realizar um passe atrasado para um colega que apareça vindo de trás, que tanto pode ser um dos médios (MCE ou MCD) ou o AC, como acontece neste lance representado nas imagens.
Princípio ofensivo: Penetração Indicadores de performance (bem sucedida)
Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe em profundidade do MD para o ED permite deixar o ED apenas com o GR adversário pela frente (imagem 2), quando inicialmente (imagem 1) se encontravam vários adversários entre a bola e a baliza.
Princípio ofensivo: Mobilidade Indicadores de performance (bem sucedida)
Movimentação do jogador cria ao portador da bola a possibilidade de passe em profundidade: O movimento de rutura por parte do ED (imagem 1 e 2) permitiu ao MD ter uma linha de passe em profundidade, ou seja, mais perto da baliza adversária.
Princípio ofensivo: Espaço Indicadores de performance (bem sucedida)
Ampliar a profundidade do CJ: O posicionamento do ED (imagem 1), já perto da grande área adversária, permite ao portador da bola ter uma linha de passe afastada do CJ, em profundidade.

Quadro 23. Criação- Comportamentos com início no corredor lateral esquerdo. Extremo esquerdo, Defesa lateral esquerdo e Médio centro esquerdo.



Descrição

Quando a bola chega ao corredor lateral esquerdo e a equipa do Nápoles procura criar situações de finalização através do cruzamento, um dos comportamentos padrão é o demonstrado na imagem. O EE vai realizar um passe curto e vertical para o DLE, para que este cruze para o interior da grande área adversária onde se encontram o AC e o ED mais perto da baliza e o MCE numa zona mais recuada (linha de passe mais utilizada).

Princípio ofensivo: Penetração

Indicadores de performance (bem sucedida)

Ação que aproxima a bola da linha de fundo: O passe feito do EE para o DLE (imagem 1) permite à ao DLE receber a bola já perto da linha de fundo, onde vai realizar o cruzamento para a grande área.

Princípio ofensivo: Mobilidade

Indicadores de performance (bem sucedida)

Movimentação do jogador cria ao portador da bola a possibilidade de passe em largura: A mobilidade do MCE, ED e AC oferece ao portador da bola três opções de passe em largura, já dentro da grande área adversária (imagem 2).

Quadro 24. Criação- Comportamentos com início no corredor lateral esquerdo. Extremo esquerdo e Extremo direito.



Descrição

Outra situação de cruzamento, que a equipa do Nápoles utiliza muito para fazer a bola chegar a zonas de finalização, mas nesta situação apenas têm participação direta no lance dois jogadores. O EE, que próximo da quina da grande área adversária vai cruzar a bola para o 2º poste, onde após um movimento de rutura aparece o ED para finalizar.

Princípio ofensivo: Penetração

Indicadores de performance (bem sucedida)

Permite ultrapassar linhas de resistência defensiva do adversário: O passe realizado na diagonal do EE para o ED (imagem 1 e 2) permitiu deixar “fora” do lance vários adversários, uma vez que no momento em que a bola chega ao ED, os adversários já não se encontram entre a bola e a baliza, como acontecia no início do lance.

Princípio ofensivo: Mobilidade

Indicadores de performance (bem sucedida)

Movimentação do jogador cria ao portador da bola a possibilidade de passe em profundidade: O movimento de rutura por parte do ED (imagem 1 e 2) permitiu ao EE ter uma linha de passe em profundidade, ou seja, mais perto da baliza adversária (imagem 2).

Princípio ofensivo: Espaço

Indicadores de performance (bem sucedida)

Ampliar a largura do CJ: O posicionamento do ED (imagem 1), no corredor central, permite ao portador da bola que se encontra no corredor lateral esquerdo ter uma linha de passe afastada do CJ, em largura.

DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo, teve como objetivo a utilização dos princípios táticos específicos do jogo de futebol para a percepção da lógica interna em que assenta o modelo de jogo de uma equipa. Nesta perspetiva, torna-se fundamental a definição de critérios que permitam a avaliação do jogo de modo a identificar as regularidades sobre as quais assentam a forma de jogar de uma equipa, seus pontos fortes e debilidades (Franks & McGarry, 1996; Ventura, 2013). Face aos diferentes contextos de jogo, as relações e interações entre jogadores e equipas, privilegiam uma ordem no desenvolvimento do jogo, sendo desta maneira possível identificar determinadas regularidades comportamentais (Frade, 1989) para a caracterização do seu modelo de jogo e da sua ação tática. Sendo que o modelo de jogo define-se na referência coletiva e partir da qual os jogadores analisam e interpretam os problemas que surgem durante o jogo, a maneira como os resolvem traduz-se na ação tática coletiva que caracteriza o modelo de jogo de uma equipa (Silva, 2014). O mesmo autor refere ainda que o funcionamento coletivo de uma equipa resulta de uma “coexistência” onde o modelo de jogo rege as interações individuais, ou seja, o modelo de jogo é o resultado de uma cultura comportamental dos jogadores. Reforçando este aspeto, Le Moigne (1994) refere que as decisões e comportamentos dos jogadores têm um determinado valor e sentido na concretização e desenvolvimento do modelo de jogo. É ainda tendo por base esta perspetiva que Castelo (1994) defende a importância de definir critérios de observação que sejam inerentes à lógica interna do jogo, e que se operacionalizem nos comportamentos dos jogadores, uma vez que é desse modo que ocorre a possibilidade de serem observados e estabelecidos com base na dinâmica das interações e em fatores relacionados com o rendimento individual e coletivo. Garganta (2011) refere que a adoção dos princípios táticos específicos como critério de análise permite maior especificidade na observação e identificação das ações táticas desempenhadas pelos jogadores no campo de jogo, uma vez que permitem a identificação objetiva de todas as variáveis táticas relacionadas com a gestão do espaço de jogo feita pelos jogadores. O mesmo autor defende também que, por apresentar essas vantagens, a avaliação baseada nos princípios táticos do jogo, pode ajudar a melhorar e direcionar a capacidade de diagnóstico e avaliação da orientação metodológica conferida no processo de treino.

A partir da conjugação entre o espaço de jogo e as ações táticas, os princípios táticos podem ser observados e descritos, permitindo assim que possam fazer parte da avaliação do comportamento tático do jogador de futebol e conseqüentemente no modelo de jogo da equipa onde o jogador está inserido (Costa, et al., 2011). Nos quadros 1 e 2, através da descrição e análise do princípio do espaço, podemos verificar que a equipa do Nápoles, naquela fase do jogo, procura um posicionamento de grande amplitude, com o DLD e DLE ambos posicionados em largura (próximos das linhas laterais dos respetivos corredores), e o MCD e MCE em profundidade, afastados do CJ. Com o posicionamento do DCD, DCE e MD quando o GR tem a bola em sua posse, há criação de superioridade numérica na zona da bola por parte dos jogadores do Nápoles, uma vez que para os dois ou três adversários, estão quatro ou cinco

jogadores do Nápoles (GR, DCD, DCE e MD). Esta variedade de opções de passe que o portador da bola dispõe permite diminuir a pressão dos adversários sobre o portador da bola, determinando conseqüentemente a execução de ações rápidas e eficazes (Castelo, 1996). Nas situações descritas nos quadros 3, 4, e 5, relativos aos comportamentos na fase de construção do processo ofensivo, quando esta se inicia no meio campo defensivo e o adversário exerce uma pressão alta, foi possível identificar que, o padrão comportamental da equipa do Nápoles passa por sair a jogar através passes curtos, previligiando as combinações no corredor lateral esquerdo, onde o DCE, o MD, MCE e EE procuram criar o espaço (princípio da mobilidade) necessário para que um deles possa receber a bola de frente para o jogo (princípio da cobertura ofensiva) e em condições de dar seguimento ao lance, através do passe vertical para as “costas” dos médios e avançados adversários que exercem a pressão (princípio da penetração). Por outro lado, se a pressão do adversário for mais baixa, como acontece na situação descrita no quadro 6, o padrão comportamental é diferente, uma vez que as já descritas combinações no corredor lateral esquerdo, dão lugar à condução de bola por parte do DCE (princípio da penetração) em direção à linha de meio campo, e posteriormente a um passe vertical (princípio da penetração) para o espaço entre a linha defensiva e a linha média adversária (princípio do espaço). Esta mudança de padrão consoante o tipo de pressão adversária (em zonas mais subidas ou mais recuadas), revela que o comportamento dos jogadores parece não ser determinado à partida, mas emerge perante a interação de vários constrangimentos contextuais e situacionais que envolvem o praticante, a tarefa e o ambiente da competição (Araújo, 2006). Hughes & Franks (2005) afirmam ainda que face às alterações nas relações espaço-temporais, as equipas podem variar os seus padrões de jogo de acordo com as características da oposição oferecida pelo adversário. Nas situações descritas nos quadros 7 e 8, relativos aos posicionamentos e comportamentos na fase de construção do processo ofensivo, quando esta se inicia no meio campo ofensivo, no corredor lateral direito, foi possível identificar que o padrão comportamental da equipa do Nápoles tem como objetivo fazer chegar a bola ao espaço entre a linha média e a linha defensiva adversária e para tal, procuram atrair os adversários para a zona da bola com o objetivo de libertar espaço no corredor central, utilizando muito o princípio ofensivo da mobilidade para “arrastar” os adversários e com isso criar espaço, o da cobertura ofensiva para ter um jogador posicionado numa zona mais recuada de modo a variar o CJ para o corredor central, e o princípio do espaço, que permite a colocação de uma linha de passe mais afastada do CJ.

Nas situações descritas nos quadros 9, 10, 11, relativos aos posicionamentos e comportamentos na fase de construção do processo ofensivo quando esta se inicia no meio campo ofensivo, no corredor central, foi possível identificar que o padrão comportamental da equipa do Nápoles tem como objetivo fazer chegar a bola ao espaço entre a linha defensiva e a linha média adversária através do passe vertical (princípio da penetração), deixando um jogador enquadrado com a baliza adversária, ou seja, apenas com a linha defensiva entre ele e a baliza para a qual ataca. Quando não há condições (pouco espaço entre a linha média e a linha defensiva adversária) de realizar o passe vertical para o espaço entre a linha média e a linha

defensiva adversária, como acontece na situação descrita no quadro 12, a equipa do Nápoles recorre a uma variação do CJ (princípio do espaço), para o corredor lateral esquerdo, para uma zona mais próxima da grande área adversária. Esta perceção das condições ou ausência das mesmas para realizar o passe vertical para o espaço entre linhas do adversário, revela que a perceção do contexto é determinante no rendimento de um jogador, e conseqüentemente de uma equipa (Bouças, 2016). O mesmo autor afirma que só é possível um jogador decidir bem o que fazer se tiver em conta as informações que consegue retirar do que o rodeia, como por exemplo qual o espaço mais favorável para onde realizar o passe, tendo em conta o posicionamento adversário.

Nas situações descritas nos quadros 13, 14, 15, 16 e 17, relativos aos posicionamentos e comportamentos na fase de construção do processo ofensivo quando esta se inicia no meio campo ofensivo, no corredor lateral, foi possível identificar que a equipa do Nápoles apresenta maior variabilidade de padrões, contudo o objetivo principal, à semelhança do que acontece nos outros corredores, passa por fazer chegar a bola ao espaço entre a linha defensiva e a linha média adversária. Para criar esse espaço entre as últimas duas linhas do adversário (média e defensiva) a equipa do Nápoles tanto recorre a lances mais simples (combinações entre dois jogadores) como descrito no quadro 15, onde com uma tabela o EE fica enquadrado para a linha defensiva adversária, como utiliza combinações mais elaboradas, como por exemplo nos quadros 14 e 17, onde a utilização do apoio frontal (MCE e AC respetivamente), da cobertura ofensiva (MD e EE respetivamente) e penetração (MD) permite à equipa do Nápoles fazer a bola chegar ao espaço entre linhas do adversário. Outro padrão, embora menos utilizado em comparação com os já referidos, passa por criar condições para o DLE chegar à linha de fundo para posterior cruzamento. Esta identificação dos comportamentos ofensivos ajuda na elaboração do plano estratégico para o jogo, uma vez que permite conhecer melhor os comportamentos padrão de uma equipa. Nas situações descritas nos quadros 18, 19, 20, 21, 22, 23 e 24, relativos comportamentos na fase de criação de situações de finalização, foi possível identificar que a equipa do Nápoles recorre muito aos movimentos de rutura em profundidade, para garantir condições propícias para a finalização. Sempre que um jogador do Nápoles recebe a bola entre a linha média e a linha defensiva adversária no corredor central, e há espaço nas “costas” da linha defensiva adversária, há logo um movimento de rutura em profundidade (princípio da mobilidade) para receber o passe (princípio da penetração) nas “costas” da linha defensiva. Mesmo em situações em que o portador da bola não se encontra no espaço entre a linha média e a linha defensiva adversária, como por exemplo nos quadros 20, 21 e 22, os movimentos de rutura são uma constante, com o EE e ED a procurarem garantir a chegada a uma zona de finalização já perto da baliza adversária, ou com o MCE a tabelar com um dos avançados para depois receber a bola já dentro da área. Nas situações que ocorrem mais sobre o corredor lateral esquerdo (quadros 23 e 24), a equipa do Nápoles utiliza muito os cruzamentos para a entrada da área onde aparece um médio a finalizar e os cruzamentos do EE para o 2º poste, onde aparece sempre o ED para finalizar.

A avaliação do comportamento tático dos jogadores feita através da interpretação dos

princípios táticos afigura-se pertinente e útil para ser utilizada no processo de ensino e de treino, uma vez que tem em conta a especificidade da modalidade e a avaliação integrada do jogador ao contexto de jogo (Costa et al., 2011). Coletivamente, a forma e a dinâmica das interações dos princípios táticos e a sua aplicação no contexto de jogo, operacionalizam e caracterizam o modelo de jogo de uma equipa, sendo que por esse motivo, o processo de ensino e do treino baseado nos princípios táticos do futebol revela implicações positivas para o desempenho do jogador e para a organização da equipa (Costa et al., 2011).

CONCLUSÕES

A partir do estudo que teve por base a análise de cariz qualitativo ao processo ofensivo da equipa do SCC Nápoles foi possível aferir as seguintes conclusões:

- Existem situações que se repetem mais vezes em relação a outras, e por isso é possível identificar padrões comportamentais que caracterizam a forma de jogar da equipa observada.
- A maneira como os princípios táticos específicos são aplicados, ajudam a explicar a lógica interna do modelo de jogo da equipa uma vez que garantem maior conhecimento sobre a dinâmica coletiva que advém dos comportamentos individuais dos jogadores quando estes procuram solucionar os problemas que surgem durante o jogo;
- Através da análise qualitativa é possível colmatar algumas das lacunas da análise quantitativa, como por exemplo o fato de não explicarem em que contexto ocorrem determinados comportamentos táticos;
- A perceção do contexto onde a ação se desenvolve é fundamental para um melhor conhecimento do jogo. É através da análise do contexto (posição dos adversários e dos colegas de equipa; espaços mais ou menos ocupados, etc) que o jogador está na posse de toda as informações necessárias para tomar a decisão que aproxima mais a sua equipa do sucesso.

BIBLIOGRAFIA

- Araújo, D. (2006). Tomada de decisão no desporto. Lisboa: Edições FMH.
- Araújo, M., & Garganta, J. (2002). *Do modelo de jogo do treinador ao jogo praticado pela equipa: um estudo sobre o contra-ataque, em futebol de alto rendimento*. Paper presented at the A investigação em futebol: estudos ibéricos.
- Azevedo, J. (2011). *Por Dentro da Tática. A Construção de uma Forma de Jogar Específica. Baseado num case Study de sucesso: O trabalho de Carlos Brito no Rio Ave Fc*: Lisboa: PrimeBooks.
- Bouças, P. (2016). *Construir uma equipa campeã* (P. Books Ed. 1ª edição ed.).
- Caldeira, N. (2001). Estudo da relevância contextual das situações de 1x1 no processo ofensivo em futebol, com recurso à análise sequencial.
- Carling, C. (2011). Influence of opposition team formation on physical and skill-related performance in a professional soccer team. *European Journal of Sport Science*, 11(3), 155-164.
- Carling, C., Williams, A. M., & Reilly, T. (2005). *Handbook of soccer match analysis: A systematic approach to improving performance*: Psychology Press.
- Castellano, J., Blanco-Villaseñor, A., & Alvarez, D. (2011). Contextual variables and time-motion analysis in soccer. *International journal of sports medicine*, 32(06), 415-421.
- Castellano Paulis, J., & Hernández Mendo, A. (2000). Análisis secuencial en el fútbol de rendimiento. *Psicothema*, 12(Suplemento), 117-121.
- Castelo, J. (1994). Futebol-Modelo Técnico-Tático. Lisboa: FMH/UTL.
- Castelo, J. (1996). Futebol - A organização do jogo. Lisboa: Edição do autor.
- Castelo, J. (1999). A lógica interna do jogo de futebol. *Ludens, Lisboa*, 1(16), 21-32.
- Castelo, J. (2006). Futebol: conceptualização e organização prática de 1100 exercícios específicos de treino. Lisboa: Visão e contextos.
- Costa, I., Garganta, J., Greco, P., & Mesquita, I. (2009). Princípios táticos do jogo de futebol: conceitos e aplicação. *Motriz rev. educ. fís.(Impr.)*, 15(3), 657-668.
- Costa, I., Garganta, J., Greco, P., Mesquita, I., & Maia, J. (2011). Sistema de avaliação tática no Futebol (FUT-SAT): Desenvolvimento e validação preliminar. *Motricidade*, 7(1), 69-84.
- Cruyff, J. (1997). *Mis futbolistas y yo*: Ediciones B.
- D'Orazio, T., & Leo, M. (2010). A review of vision-based systems for soccer video analysis. *Pattern recognition*, 43(8), 2911-2926.
- De Baranda, P., Ortega, E., & Palao, J. M. (2008). Analysis of goalkeepers' defence in the World Cup in Korea and Japan in 2002. *European Journal of Sport Science*, 8(3), 127-134.

- Di Salvo, V., Benito, P., Calderon, F., Di Salvo, M., & Pigozzi, F. (2008). Activity profile of elite goalkeepers during football match-play. *Journal of Sports medicine and Physical fitness*, 48(4), 443.
- Frade, V. (1989). Notas de curso de Metodologia do Futebol. *FCDEF. UP. Porto*.
- Frade, V. (1990). A interacção, invariante estrutural da estrutura do rendimento do futebol, como objecto de conhecimento científico-Uma proposta de explicitação de causalidade. *Projecto para a prestação de provas de doutoramento. FCDEF-UP*.
- Franks, I., & McGarry, T. (1996). The science of match analysis. *Science and soccer*, 363-375.
- Garganta, J. (1997). Modelação táctica do jogo de futebol: Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento.
- Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista portuguesa de ciências do desporto*, 1(1), 57-64.
- Garganta, J. (2003). Fútbol: del juego al entrenamiento, del entrenamiento al juego. *Training fútbol: Revista técnica profesional*(85), 14-17.
- Garganta, J. (2005). Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter) acção, para um futebol com pés... e cabeça. *O contexto da decisão-A acção táctica no desporto*, 179-190.
- Gregson, W., Drust, B., Atkinson, G., & Salvo, V. (2010). Match-to-match variability of high-speed activities in premier league soccer. *International journal of sports medicine*, 31(04), 237-242.
- Gréhaigne, J.-F., Mahut, B., & Fernandez, A. (2001). Qualitative observation tools to analyse soccer. *International journal of performance analysis in sport*, 1(1), 52-61.
- Hughes, M., & Franks, I. (2005). Analysis of passing sequences, shots and goals in soccer. *Journal of sports sciences*, 23(5), 509-514.
- Hughes, M. D., & Bartlett, R. M. (2002). The use of performance indicators in performance analysis. *Journal of sports sciences*, 20(10), 739-754.
- Kormelink, H., & Seeverens, T. (1999). *Match analysis and game preparation*: Reedswain Inc.
- Lago-Ballesteros, J., & Lago-Peñas, C. (2010). Performance in team sports: Identifying the keys to success in soccer. *Journal of Human Kinetics*, 25, 85-91.
- Lames, M., & Hansen, G. (2001). Designing observational systems to support top-level teams in game sports. *International journal of performance analysis in sport*, 1(1), 83-90.
- Le Moigne, J.-L. (1994). O construtivismo: dos fundamentos. *Traduzido por Miguel Mascarenhas. Lisboa: Instituto Piaget*, 1.
- Neto, J. (2014). *Preparar para ganhar*: Estoril: Prime Books.
- Nevill, A. M., Balmer, N. J., & Williams, A. M. (2002). The influence of crowd noise and experience upon refereeing decisions in football. *Psychology of Sport and Exercise*, 3(4), 261-272.
- O'Donoghue, P. (2014). *An introduction to performance analysis of sport*: Routledge.
- Oliveira, J. (2004). Conhecimento específico em futebol: contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino aprendizagem-treino do jogo.

- Olsen, E., & Larsen, O. (1997). Use of match analysis by coaches. *Science and football III*, 3, 209-220.
- Passos, P., Araújo, D., Davids, K., Gouveia, L., & Serpa, S. (2006). Interpersonal dynamics in sport: The role of artificial neural networks and 3-D analysis. *Behavior research methods*, 38(4), 683-691.
- Pinto, J. (1996). A tática no futebol: abordagem conceptual e implicações na formação. em estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos. *Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física*.
- Queirós, C. (1986). *Estrutura e organização dos exercícios de treino em futebol*: Lisboa.
- Reilly, T. (2003). *Science and soccer*: Routledge.
- Reilly, T., & Gilbourne, D. (2003). Science and football: a review of applied research in the football codes. *Journal of sports sciences*, 21(9), 693-705.
- Rocha, J. (1996). "Scouting": a realidade dos sub-22. (Monografia), FCDEF-UP.
- Silva, A. (2004). Padrões de jogo no processo ofensivo em futebol de alto rendimento: análise dos jogos da segunda fase do campeonato do mundo Coreia-Japão 2002. *Madri: Tese de Doutorado-Universidad Autónoma de Madrid*.
- Silva, M. (2014). *O desenvolvimento do jogar, segundo a Periodização Tática*: MC Sports.
- Solomenko, V. (1982). Juego sin balon. *El entrenador*, 14, 72-75.
- Teodorescu, L. (1984). Problemas de teoría e metodología nos desportos colectivos. *Lisboa: Livros Horizonte*.
- Teodorescu, L. (2003). *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos*.
- Thomas, K. T., & Thomas, J. R. (1994). Developing expertise in sport: The relation of knowledge and performance. *International Journal of Sport Psychology*, 25, 295-295.
- Valdano, J. (2001). *Apuntes del balón: La Esfera de los Libros*.
- Vázquez, Á. V. (2012). *Fútbol: del análisis del juego a la edición de informes técnicos*: MCSports.
- Ventura, N. (2013). *Observar para ganhar. O scouting como ferramenta do treinador*.
- Worthington, E. (1974). *Learning & teaching soccer skills*: Wilshire Book Company.